



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

MÚSICA, REGULAÇÃO EMOCIONAL, COMPORTAMENTOS
AUTO-LESIVOS E IDEAÇÃO SUICIDA EM JOVENS ADULTOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia do Bem-Estar e
Promoção da Saúde

Por

Ana Lúcia Martins Senise

Faculdade de Ciências Humanas

Outubro de 2020



UNIVERSIDADE
CATÓLICA
PORTUGUESA

MÚSICA, REGULAÇÃO EMOCIONAL, COMPORTAMENTOS
AUTO-LESIVOS E IDEAÇÃO SUICIDA EM JOVENS ADULTOS

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa
para obtenção do grau de Mestre em Psicologia do Bem-Estar e
Promoção da Saúde

Por

Ana Lúcia Martins Senise

Faculdade de Ciências Humanas

Sob orientação da Professora Doutora Marta Pedro

Outubro de 2020

“A música pode ser o exemplo único do que poderia ter sido - se não tivesse havido a invenção da linguagem, a formação das palavras, a análise das ideias - a comunicação das almas.”

Marcel Proust

Agradecimentos

À minha família que sempre me apoiou, motivou e que tornou tudo isto possível.

Um especial obrigado à minha irmã, a minha melhor amiga.

Um especial obrigado à minha Mãe, com a sua sensibilidade e dom musical que me inspiraram, e ao meu Pai, que sempre esteve ao meu lado e incentivou minhas buscas de compreender aquilo que nesse universo me despertasse curiosidade.

Agradeço também ao meu tio e à minha avó, cujo amor e empolgação por minhas conquistas sempre me encheram o coração.

Um obrigado também à professora Marta, por toda a sua ajuda, assim como pela orientação numa temática diferente e complexa.

Resumo

A juventude é uma fase complexa do desenvolvimento em que o jovem deve construir-se, e é do seu meio cultural e social que pode extrair referências que o auxiliem não somente na melhor compreensão das suas experiências emocionais e existenciais, como também na regulação das mesmas. Na contemporaneidade, a existência de múltiplas subculturas, associadas a certas formas de encarar a existência e a sociedade é predominante, juntamente com a multiplicidade de produções musicais que acompanham estas mesmas subculturas. Não é de se admirar que tais fenómenos culturais moldem comportamentos e crenças, a depender da relação que cada indivíduo estabelece com as respetivas subculturas. É a partir deste raciocínio que se torna importante estudar as interações das relações dos indivíduos com determinadas subculturas e modos de experienciar a realidade que são propostos pelas músicas, que podem vir a relacionar-se com o desenvolvimento disfuncional e funcional dos jovens, no que se refere à maior ou menor predominância de comportamentos auto-lesivos e indicadores do suicídio. Seguindo esta lógica, para verificar a influência das subculturas e das experiências musicais nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida, foi realizado um estudo utilizando uma metodologia quantitativa em que foram analisadas não somente as variáveis musicais, tais o tempo de audição musical, a preferência musical e a identificação com certa subcultura, como também a regulação emocional dos indivíduos. Estas informações foram obtidas numa única avaliação de 448 jovens adultos dos 18 aos 35 anos ($M=25.74$ anos, $DP= 5.29$ anos), de ambos os sexos, de nacionalidade portuguesa, e que estavam a estudar, trabalhar ou desempregados. Foram usados testes paramétricos para amostras independentes para comparar os resultados dos participantes (separadamente entre indivíduos que se identificam com subculturas alternativas e aqueles que não se identificam e entre os sexos) nas diferentes variáveis estudadas, através das versões portuguesas do Short Test on Musical Preference (STOMP-PT), do Regulation of Emotion Questionnaire 2(REQ2), e do Questionário de Impulso, Auto-Dano e Ideação Suicida na Adolescência (QIAIS). Foram também realizados procedimentos paramétricos para verificar as relações existentes entre as variáveis e o diferente poder preditivo das mesmas nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida (separadamente para indivíduos que se identificam com subculturas alternativas e aqueles que não se identificam e também para os sexos). Os resultados demonstraram um maior risco para os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida entre jovens que se identificam com subculturas alternativas, particularmente entre as mulheres, apontando para a necessidade de atenção para esta população, assim como apontaram para o poder preditivo de certos géneros musicais para a presença de

comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida. Ainda, os resultados apontaram para grande diferença na manifestação dos fenómenos conforme o sexo dos participantes. Entretanto, o maior preditor, independentemente do sexo ou da identificação à uma dada subcultura, foi a regulação emocional disfuncional, indicando a necessidade de promover a regulação emocional funcional em nome que os jovens tenham experiências positivas através das suas relações com a música.

Palavras-chave: Música; subculturas; regulação emocional; comportamentos auto-lesivos, e ideação suicida.

Abstract

Youth is a complex phase of development in which young people must build themselves and it is from their cultural and social environment that they can extract references that help them not only to better understand their emotional and existential experiences, but also to regulate them. In contemporary times, the existence of multiple subcultures, associated with certain ways of facing existence and society is predominant, together with the multiplicity of the musical productions that accompany these same subcultures. It is not surprising that such cultural phenomena shape behaviors and beliefs, depending on the relationship that each individual establishes with their subcultures. It is from this reasoning that it becomes important to study the interactions of the relationships of individuals with certain subcultures and ways of experiencing the reality that are proposed by music, which may come to relate to the dysfunctional and functional development of young people, in reference to greater or lesser predominance of self-destructive behaviors and indicators of suicide. Following this logic, to verify the influence of subcultures and musical experiences on self-destructive behaviors and suicide ideation, it was used a quantitative methodologic approach where were analyzed not only musical variables, such as the time of musical listening, musical preference and identification with a certain subculture, but also the emotional regulation of individuals. This information was obtained in a single evaluation of young adults between the ages of 18 and 35 years ($M=25.74$ years, $SD= 5.29$ years), of both sexes, of portuguese nationality and who were studying, working or unemployed.

Parametric tests were used to compare the results of participants from independent samples (separately between individuals who identify with alternative subcultures and those who do not identify themselves and between the sexes) in the different variables studied, through the

Portuguese versions of the Short Test on Musical Preference (STOMP-PT), the Regulation of Emotion Questionnaire 2 (REQ2), and the Questionnaire of Impulse, Self-Damage and Suicidal Ideation in Adolescence (QIAIS). Parametric procedures were also performed to verify the relationships between the variables and their different predictive power for self-destructive behaviors and suicidal ideation (separately for individuals who identify with alternative subcultures and those who do not identify and also for the sexes). The results showed a higher risk for self-destructive behaviors and suicidal ideation among young people who identify with alternative subcultures, particularly among women, pointing to the need of focusing on this population, as well as pointed to the predictive power of certain musical genres for the presence of self-destructive behaviors and suicidal ideation. Furthermore, the results pointed to a great difference in the manifestation of the phenomena according to the sex of the participants. However, the greatest predictor, regardless of sex or identification to a given subculture, was the dysfunctional emotional regulation, indicating the need to promote functional emotional regulation on behalf that young people have positive experiences through their relations with music.

Keywords: Music; subcultures; emotional regulation; self-destructive behaviors, and suicidal ideation.

Índice

Introdução.....	1
1.1 A Juventude e a formação da identidade.....	1
Capítulo 2- Enquadramento Teórico.....	3
2.1 Música enquanto instrumento para a auto-regulação.....	3
2.2 Música, cognição e emoção.....	4
2.3 Preferências musicais e regulação emocional.....	5
2.4 Comportamentos auto-lesivos, ideação suicida e audição musical como meio de regulação emocional disfuncional.....	7
2.5 Relação entre comportamentos auto-lesivos, ideação suicida e preferências musicais.....	8
2.6 Relação entre comportamentos auto-lesivos, ideação suicida e subculturas.....	10
2.7 As subculturas, a regulação emocional e os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida.....	12
Capítulo 3- Metodologia.....	14
3.1 Desenho de investigação.....	14
3.2 Objetivos e hipóteses.....	14
3.3 Participantes.....	16
3.4 Instrumentos.....	19
<i>Identificação com subculturas</i>	
<i>Short Test on Musical Preferences – Portugal (STOMP-PT).</i>	
<i>Regulation of Emotion Questionnaire 2(REQ2).</i>	
<i>Questionário de Impulso, Auto-Dano e Ideação Suicida na Adolescência (QIAIS).</i>	
3.5 Procedimento.....	22
3.6 Análise de Dados.....	23
Capítulo 4- Resultados.....	24
4.1 Estatística Descritiva e Comparação de Médias entre Indivíduos pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco” e do grupo das “Subculturas não associadas ao risco”.....	24
4.2 Análise de Correlações.....	26
4.3 Análises de Regressões Lineares Múltiplas.....	29
Capítulo 5- Discussão de Resultados.....	32
5.1 Limitações do estudo e considerações futuras.....	41

Conclusões.....	42
Referências Bibliográficas.....	44

Anexos

Anexo A - Autorização para a Utilização dos Instrumentos.

Anexo B - Protocolo com o Consentimento Livre e Informado e a Bateria de Instrumentos.

Índice de Quadros

Quadro 1

Dados sociodemográficos dos participantes.....18

Quadro 2

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e das diferenças de médias entre os participantes do grupo das “Subculturas de risco” e do grupo das “Subculturas não associadas ao risco”.....25

Quadro 3

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e das diferenças de médias entre os sexos.....26

Quadro 4

Correlações entre o tempo de audição musical, as preferências musicais, a regulação emocional, os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, considerando os participantes do grupo das “Subculturas de risco” (n= 186)..... 28

Quadro 5

Correlações entre o tempo de audição musical, as preferências musicais, a regulação emocional, os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, considerando-se os participantes do grupo das “Subculturas não associadas ao risco” (n=262).....29

Quadro 6

Análise de regressões lineares múltiplas para os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, em indivíduos das “Subculturas de risco”.....31

Quadro 7

Análise de regressões lineares múltiplas para os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, em indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”.....31

Introdução

1.1 A Juventude e a formação da identidade

A juventude é uma fase de grande importância da vida, particularmente a adolescência e o início da idade adulta; fases marcadas pelas inúmeras modificações qualitativas e quantitativas na vida de um indivíduo nas esferas biológicas, psicológicas e sociais. Entre a saída da infância e a entrada na idade adulta, o indivíduo é impelido a investir a sua energia psíquica na tarefa psicossocial da formação da sua identidade e escolha de papéis a desempenhar dentre tantos oferecidos, tanto pelo núcleo familiar, como pela sua rede social, e ainda propostas socioculturais e ideológicas. Como proposto por Erik Erikson (1976), a adolescência representa a 5ª crise normativa de um indivíduo ao longo de sua existência, definida em torno do conflito entre a identidade e a difusão de papéis, crise esta que, se não for bem resolvida, pode levar a que inúmeros prejuízos e dificuldades se perpetuem ao longo da vida.

As temáticas aqui referidas, de cunho simbólico e da formação da identidade, seriam ainda mais acentuadas na adolescência, dado ser também a fase de exploração e aprendizagem do uso de novas capacidades cognitivas: a potencialização do pensamento hipotético-dedutivo e da moral autónoma (Piaget, 1976). É comum, nesta fase, devido a estas características, a adoção de posturas questionadoras e revolucionárias diante de uma sociedade que não alcançou a utopia da materialização de ideias éticas. Todas estas mudanças significativas, acompanhadas de grande intensidade emocional, assumiriam desenvolvimento funcional quando acompanhadas de regulação emocional, esta última entendida enquanto a capacidade para conscientemente reduzir a influência de uma situação que ativa fortes emoções de modo desajustado com os contextos e bem-estar pessoal, ao controlar a experiência e a expressão emocional (Gross, 1998^a cit. por Pandey & Choubey, 2010), seja através de mecanismos de regulação externos (interpessoais) ou internos (intrapessoais). A adolescência e juventude são, posto isso, fases impactantes e cruciais na compreensão das formas de ser de cada um e das suas percepções e experiências acerca do mundo e da vida.

Na contemporaneidade, algo comum transculturalmente na fase aqui destacada é a intensa relação dos jovens com os media, nomeadamente com as produções musicais, refletida na quantidade de consumo e devoção às mesmas (Christenson & Roberts, 1998; North, Hargreaves, & O'Neill, 2000; Roberts, Dimsdale, East, & Friedman, 1998; Zillmann, Dolf, & Gan, 1997), assim como às subculturas a elas associadas, as quais se apresentam como opções

de socialização aos jovens, sendo possível que estejam a moldar as suas percepções de vida e identidades (Arnett, 1995; Campbell, Connel, & Beegle, 2007).

As subculturas, contraculturas ou *neo-tribos* podem ser compreendidas enquanto pequenos grupos cujos elementos se unem por partilharem os mesmos princípios, ideais, gostos estéticos, e principalmente musicais, assim como pelos mesmos se definirem enquanto um contraponto da cultura vigente, contraponto que pode se dar em relação a diferentes aspetos (Fenderico, 2019; Haenfler, 2006; Hodkison & Deicke, 2007; Soccio, Mitchell, & Herzog, 1999). Alguns exemplos de subculturas seriam os Metaleiros, Emo's, Góticos, Punks, Hippies, entre outros. Pode dizer-se que o jovem, entre os dilemas identitários e a formação de ideais morais, éticos, e civis, permeados pelas alterações nos processos cognitivos que permitem maior abstração cognitiva, encontra nas subculturas não somente uma possibilidade de integração, mas de defesa e construção de uma sociedade nova e distinta que lhe pareça mais adequada que a vigente ou "*mainstream*" (Soccio et al., 1999; Sweet, 2005; Yinger, 1960).

A visibilidade da presença de um indivíduo numa certa subcultura é maior na juventude, servindo de base para a identificação e politização para muitos jovens, sendo que as músicas da subcultura funcionam enquanto instrumentos de socialização e comunhão entre os seus membros (Campbell et al., 2007). Ser Emo, Gótico, Punk, Hipster ou alguma outra nomenclatura vai muito para além de um estereótipo de formas de se vestir e de tipos de atividades recreativas, e de entretenimento praticados, revelando-se enquanto posturas políticas de jovens que se posicionam na sociedade com discursos que tecem tanto para se construir a si mesmos e aos seus ideais, como a sua relação com o mundo, a sociedade, e com aquilo que esperam da mesma. As subculturas são acompanhadas de defesas de certos estilos de vida (Bennett, 2004) que, muitas vezes, têm pontos em comum com outras subculturas, de modo que não há fronteiras rígidas entre as mesmas, mas uma certa fluidez, tal como ocorre com as preferências musicais. A música permeada numa certa subcultura seria como que uma representação plástica representativa das vozes e experiências de um vasto coletivo.

Neste estudo, compreendendo a importância da música e das subculturas na adolescência e nos jovens adultos, visar-se-á compreender como as mesmas se relacionam com a regulação emocional dos jovens, assim como com o seu desenvolvimento funcional e/ou disfuncional no que se refere à presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, questões alarmantes de saúde mental predominantes nesta faixa etária (World Health Organization, 2016).

A presente dissertação é dividida em cinco secções, a iniciar pelo enquadramento teórico, em que é apresentada uma revisão atualizada das variáveis em estudo, tais como as

subculturas musicais, a preferência musical, a regulação emocional, e os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, bem como algumas das relações previamente estudadas. Na segunda secção é apresentada a metodologia utilizada no estudo, a especificar o desenho de investigação, os objetivos e hipóteses, amostra, instrumentos, procedimento utilizado, e um resumo das análises de dados realizadas. A terceira secção engloba os resultados das análises estatísticas realizadas. Na quarta secção são discutidos os resultados obtidos, bem como discutidas as limitações do presente estudo e fornecidas sugestões para estudos futuros na mesma área temática, passando enfim para a secção final das conclusões.

Capítulo 2 - Enquadramento Teórico

2.1 Música enquanto instrumento para a auto-regulação

A música é considerada importante ao nível da auto-regulação emocional dos indivíduos, uma vez que afeta estados de humor e disposições emocionais, sendo ainda utilizada com fins de regulação emocional por seus ouvintes (e.g.: Arnett, 1995; Campbell et al., 2007; Figueiredo, 2015; Greenwood & Long, 2009; Juslin, Liljeström, Västfjäll, Barradas, & Silva, 2008; Juslin, Liljeström, Västfjäll, & Lundqvist, 2010; Luck, 2014; Miranda, 2013, Miranda, Gaudreau, Debrosse, Morizot, & Kirmayer, 2012; Orozco, 2015; Sloboda & O'Neill, 2001). Evidências empíricas demonstram que as preferências musicais podem ter efeitos benéficos ou prejudiciais no humor, assim como podem estar correlacionadas com índices elevados de comportamentos auto-lesivos e de suicídio (Baker & Brown, 2016; Boothby & Robbins, 2011; Garrido & Schubert, 2015; Lacourse, Claes, & Villeneuve, 2001; Miranda, 2007; Miranda & Claes, 2007; Mulder, Ter Bogt, Raaijmakers, & Vollebergh, 2007; North & Hargreaves, 2006; Oliveira & Graça, 2014; Pimentel, Gouveia, Santana, Chaves, & Rodrigues, 2009). Até à data, foram também realizados estudos para verificar a relação entre subculturas e a presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida (Adler & Adler, 2007, 2011; Bowes et al., 2015; Definis-Gojanović, Gugić, & Sutlović, 2009; Hawkes, 2015; Hughes, Knowles, Dhingra, Nicholson, & Taylor, 2018; Janišová, 2018; Miranda & Claes, 2009; Mulder et al., 2007; Rutledge, Rimer, & Scott, 2008; Trnka, Kuška, Balcar, & Tavel, 2018; Young, Sproeber, Groschwitz, Preiss, & Plener, 2014; Young, Sweeting, & West, 2006; Zdanow & Wright, 2012).

Todavia, as relações entre subculturas ou preferências musicais e a presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida não ocorrem de modo linear, tendo sido identificados outros fatores na literatura, como a presença de psicopatologia (Rosenbaum &

Prinsky, 1991), o sexo (Garrido & Schubert, 2015; Lacourse et al., 2001; Martin, Clark, & Pearce, 1993; Miranda & Claes, 2007; Scheel & Westfeld, 1999), a convivência com outros indivíduos que sofrem de alguma psicopatologia (Miranda & Claes, 2009), e a utilização de diferentes estratégias de regulação emocional (Campbell-Sills & Barlow, 2007; Greenwood & Long, 2009; Roberts et al., 1998; Tull, Stilpeman, Salters-Pedneault, & Gratz, 2009). Contudo, existem poucos estudos que tenham investigado a relação e as influências de diferentes variáveis, como o tempo de audição musical, as preferências musicais, a auto-regulação emocional, o sexo, e a identificação com as subculturas na presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida.

2.2 Música, cognição e emoção

A experiência de ouvir música é algo que nos afeta tanto cognitivamente como emocionalmente, de modo que certas melodias e ritmos afetam os nossos estados emocionais e disposição (Juslin et al., 2010), bem como as letras, possibilitando a atribuição de significados para as nossas experiências pessoais, e desta forma, também para o regular das nossas emoções diante destas mesmas experiências. A música está presente ainda em muitos momentos significativos da vida de cada um, de modo que marca afetivamente certos momentos que podem ser evocados quando escutada (Dittmar, 2004; Dutta & Kunungo, 1975; Gabrielsson, 1991; Rubin & Kozin, 1984; Sloboda & O'Neill, 2001; Wells & Hakanen, 1991). É comum também ser reportado, particularmente por jovens, o fantasiar enquanto escutam música, ponderando possíveis cenários de suas interações sociais e relações (Miranda, 2013). O impacto emocional advindo da experiência musical tem sido apontado como o fator primordial para a sua audição (Sloboda & O'Neill, 2001), assim como as funções da música de libertação, expressão, e controle das emoções identificadas nas apreciações de jovens (Campbell et al., 2007; Luck, 2014). O impacto emocional também foi apontado enquanto relacionado com o tempo despendido na sua audição (Juslin & Laukka, 2004).

No que se refere ao domínio afetivo e disposicional, estudos apontam que a música provoca alterações nas estruturas neurais, assim como nos processos neurológicos e endócrinos (Cruz, s.d.). A música ativa a produção de certos neurotransmissores associados ao prazer (dopamina, serotonina, noradrenalina) e aumenta a conectividade neural, nomeadamente das estruturas de recompensa do sistema mesolímbico (Menon & Levitin, 2005; Trainor & Schmidt, 2003). Conforme certa melodia, o indivíduo é predisposto a adotar certa postura emocional e conseqüentemente, certo padrão de atividade neural e de ativação fisiológica (Juslin et al., 2008). Continuamente, a exposição a certos tipos de melodia, de acordo com os princípios da

plasticidade neural, faz com que o cérebro e o organismo acabem por se moldar de forma a aumentar a probabilidade de um indivíduo assumir certo quadro de disposição emocional (Wan & Schlaug 2010, cit. por Altenmüller & Schlaug, 2012). A exposição a certa melodia e letras de música também podem induzir emoções semelhantes ao exposto nas músicas devido aos mecanismos de *priming* e sincronização dos neurônios-espelho, mecanismos que visam a adaptação e a sincronização de um organismo e dos seus comportamentos aos dos seus companheiros no ambiente circundante (Juslin et al., 2010; Overly & Molnar-Szakacs, 2009).

2.3 Preferências musicais e regulação emocional

As relações dos jovens com o entretenimento e a música são variadas, tendo a regulação emocional um papel fundamental. Foram destacados na literatura o uso da música para a procura de sensações fortes, nomeadamente a maximização de emoções positivas ou negativas, para a indução e manutenção de estados de humor, como a estimulação de emoção positiva através de uma música animada e a expressão emocional indireta (emoção distinta daquela que se está a sentir), a estimulação emocional através da audição de músicas relacionadas com certas memórias afetivas, e para meios de *coping* através da modulação emocional (Arnett, 1995; Campbell et al., 2007; De Nora, 1999; Laiho, 2004; Miranda, 2013; Pereira & Pocinho, 2015). A música, entretanto, pode também vir a ser um fator de risco, uma vez que influencia estados de humor e pode ser utilizada de modo negativo em estratégias mal adaptativas de regulação emocional (Greenwood & Long, 2009).

A relevância da música pelo seu impacto emocional e consequências emocionais tem sido largamente documentada (Arnett, 1995; Campbell et al., 2007; De Nora, 1999; Figueiredo, 2015; Greenwood & Long, 2009; Juslin et al., 2008; Juslin et al., 2010; Juslin & Lauka, 2004; Laiho, 2004; Luck, 2014; Miranda, 2013; Miranda & Claes, 2009; Miranda et al., 2012; Orozco, 2005; Saarikallio & Erkkilä, 2007).

Estratégias de regulação emocional positivas utilizadas através da audição musical seriam a distração, o relaxamento, a indução e manutenção de emoções positivas, assim como a possibilidade de permitir um escape de certos pensamentos e sentimentos, a redução da ansiedade, a busca pela resolução de problemas, e a catarse, que seria a libertação de emoções contidas (Lacourse et al., 2011; Luck, 2014; Martin et al., 1993; Miranda & Claes, 2009; Pereira & Pocinho, 2015). Entretanto, se por um lado o expressar de emoções anteriormente contidas e o experienciar das mesmas em forma de catarse, que, como apontado por Pandy e Choubey (2010), se tratam de mecanismos de regulação emocional positivos e relacionados com o bem-estar e saúde, por outro, os mesmos autores consideram o experienciar das emoções em

intensidades elevadas, independente da valência, enquanto algo prejudicial, assim como a supressão de estados emocionais. Estratégias mal adaptativas de regulação emocional seriam, logo, a intensificação de emoções, a dramatização, a escuta cumulativa e repetitiva de música triste associada a experiências contextualizadas de natureza negativa, a ruminação de problemas, assim como o evitamento, a fuga pela indução de diferentes emoções, e a alienação do mundo (De Nora 1999; Miranda & Claes, 2009; Miranda et. al, 2012).

De entre as variáveis musicais, é de suma importância referir as preferências musicais, as quais constituem as preferências dos indivíduos por certos géneros musicais que acabam por apontar para fatores dos seus interesses e identidade e permeiam tanto as suas relações interpessoais com a sociedade como intrapessoais (Tekman e Hortaçsu, 2002). Conforme o que já foi aqui exposto, é compreensível que as preferências musicais tenham sido examinadas de forma a serem utilizadas como meio de modificar o humor (Knobloch & Zillman, 2002 cit. por Figueiredo, 2015). Em alguns estudos (Arnett, 1991; Baker & Brown 2016), a preferência pelo género Heavy Metal, nos homens, a fim de reduzir os níveis de tristeza e raiva, foi apontada como eficaz, produzindo relaxamento e redução de raiva, apesar das suas letras comumente referirem temáticas como o desamparo e o suicídio. Baker e Brown (2016) referem ainda que o Heavy Metal proporciona melhorias nas emoções negativas devido aos contactos sociais possibilitados, pelo tipo de dança realizada e o sentimento de solidariedade propagado pelas letras. Os efeitos positivos relacionados com o Heavy Metal também são mencionados por Lacourse et al. (2001), quando este é usado para fins catárticos, por outras palavras, para a expressão de emoções que foram evitadas, particularmente nas mulheres.

A música de tipo Convencional e popular tem sido apontada, por sua vez, como benéfica para a regulação emocional das experiências vividas, ao retratar e oferecer modelos às problemáticas comuns na juventude, tais como a sexualidade, a autonomia, a individualidade, as relações românticas, os valores familiares, a identidade, o consumo de drogas, a religião, entre outros (Mulder et al., 2007; Pimentel et al., 2009; Wells & Hakanen, 1991). Para além da música Pop (englobada na música de tipo Convencional), o género de música Soul também tem sido relacionado com efeitos positivos no humor, refletidos na menor incidência de depressão em mulheres ouvintes deste género musical (Miranda & Claes, 2007). Ainda, o género de música Clássica/Erudita é associado ao relaxamento e à redução de níveis de ansiedade (Boothby & Robbins, 2011; Labbé, Schmidt, Babin, & Pharr, 2007; Lozon & Bensimon, 2004; Rentfrow & Gosling, 2003).

Apresentados alguns efeitos benéficos de certos géneros musicais para a regulação emocional, cabe agora compreender em que casos algumas preferências musicais se podem

relacionar com comportamentos auto-lesivos e ideação suicida. Antes, importa, contudo, explicar melhor a natureza destes mesmos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida.

2.4 Comportamentos auto-lesivos, ideação suicida e audição musical como meio de regulação emocional disfuncional

Por comportamentos auto-lesivos entendemos os comportamentos intencionais de causar um dano físico ou psicológico a si mesmo (Nock, 2010). Estes comportamentos são distintos do suicídio que, por sua vez, é compreendido enquanto o ato de intencionalmente acabar com a vida, sendo incluídos enquanto fenómenos que visam este fim a ideação suicida e o plano suicida (Nock et al., 2008). A ideação suicida, por sua vez, refere-se a pensamentos acerca da autodestruição, que incluem as ideias de que a vida não vale a pena ser vivida, bem como a elaboração de planos, mais ou menos estruturados, de como acabar com a mesma (Reynolds, 1988). A ideação suicida é também um preditor principal do risco de tentativa de suicídio e de sua consumação (Nock et al., 2008). Dentro dos comportamentos auto-lesivos, é importante distinguir entre aqueles que pretendem resultar em suicídio e aqueles que não têm este fim (Nock et al., 2008, 2009, 2010). Entretanto, existem associações entre a auto-lesão e o suicídio, de modo que o último pode ser a autodestruição no seu expoente máximo, como aponta a literatura (Bergen et al., 2012; Kiekens et al., 2018; Laye Gindhu & Schonert-Reichl, 2005; Nock & Prinstein, 2005; Nock, Joiner Jr, Gordon, Lloyd-Richardson, & Prinstein, 2006.).

Os comportamentos auto-lesivos incluem comportamentos como fazer cortes na pele, a realização de escoriações, o perfurar, arranhar e queimar o próprio corpo, assim como os atos de bater em si próprio, e ingerir substâncias nocivas (Nock, 2009), sendo o corte e as escoriações as formas de auto-lesão mais frequentes (Nock, 2010). Alguns estudos (e.g., Ross & Heath, 2003) apontam para a maior frequência de comportamentos auto-lesivos no sexo feminino comparativamente com o sexo masculino. A investigação aponta para motivações distintas de regulação emocional disfuncional associadas à auto-lesão sem fins suicidas: a expressão, redução ou distração de sentimentos de solidão, depressão ou vazio; a liberação de raiva ou tensão; a sensação de euforia; a auto punição para aliviar a vergonha ou a culpa; o retomar do controlo; a busca pelo aumento do suporte social, e ainda pela experiência de uma certa dissociação da realidade (Adler & Alder, 2007; Horne & Csipke 2009; Laye-Gindhu & Schonert-Reichl, 2005; Nock, 2010; Oliveira & Graça, 2014).

A audição de certos géneros musicais também foi associada à presença dos comportamentos aqui referidos, particularmente quando utilizada em más estratégias de regulação emocional (nomeadamente as previamente apresentadas) ao influenciar

negativamente a saúde mental através da intensificação de psicopatologias internalizantes tais como a ansiedade e a depressão (Beck, Rush, Shaw, & Emery, 1979; Campbell-Sills & Barlow, 2007; Garrido & Schubert, 2015; Miranda & Claes, 2007, 2009; Tull et al., 2009).

2.5 Relação entre comportamentos auto-lesivos, ideação suicida e preferências musicais

Na vasta gama de relações que os jovens possam vir a ter com a música e certas subculturas, é de particular interesse neste trabalho investigar uma possível relação entre as preferências musicais dos jovens e a presença de comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, duas questões de saúde de grande relevância no âmbito internacional e que têm um aumento significativo na adolescência e juventude (Nock & Prinstein, 2005; Nock et al., 2006). Atendendo à importância da música na experiência e regulação emocional, compreender as possíveis interações entre as variáveis musicais e a regulação emocional individual que permitem que a relação com a música seja perturbadora para o desenvolvimento positivo de cada um, seria de grande importância para os profissionais de saúde.

Embora alguns estudos tenham apontado para a audição de Heavy Metal como um eficiente mecanismo de regulação emocional, possuindo um efeito “calmante” para alguns jovens como referido anteriormente, para outros acaba por ser uma referência de estilo de vida ou intensificador de emoções existentes (Arnett, 1993; Rea, MacDonald, & Carnes, 2012), apontando para correlações significativas entre a preferência por Heavy Metal e atos deliberados de comportamentos auto-lesivos, como também de aceitação do suicídio e ideação do mesmo (Mulder et al., 2007; North & Hargreaves, 2006; Oliveira & Graça, 2014; Pimentel et al., 2009; Scheel & Westfield, 1999; Stack et al., 1994). Entretanto, o maior risco de suicídio e de prática de comportamentos auto-lesivos dos ouvintes de Heavy Metal foram particularmente assinalados nas mulheres (Lacourse et al., 2001; Martin et al., 1993; Miranda & Claes, 2007; Scheel & Westfeld, 1999). Martin et al. (1993) também encontraram associações entre a preferência por Heavy Metal e a depressão, a delinquência, o consumo de substâncias, e conflitos familiares, particularmente nas mulheres. Os casos mais agravados foram encontrados naquelas que escutavam música condizente quando estavam tristes, dispondo de má regulação emocional, algo que Miranda e Claes (2007) e Garrido e Schubert (2015) propõem ao expor que no sexo feminino o Heavy Metal aumentaria os níveis de depressão através de mecanismos ruminativos, devido às temáticas das músicas e à maior tendência feminina para a psicopatologia internalizante. Miranda e Claes (2009) referem que tal relação entre a depressão e a audição de Heavy Metal no sexo feminino seria apenas válida para aquelas que se relacionassem com um grupo de amigos que também sofressem de

depressão. Ainda de acordo com as autoras, a integração numa subcultura musical poderia permitir o maior consumo de música de valência negativa, podendo facilitar a ruminação entre aqueles que já se encontram com dificuldades. Em relação ao Heavy Metal, também se encontram relações da sua preferência em jovens com incidência de hospitalizações por problemas psiquiátricos (Rosenbaum & Prinsky, 1991) e características pessoais como a assertividade, a agressividade, a indiferença aos sentimentos dos outros, a instabilidade de humor, o pessimismo, a hipersensibilidade, o descontentamento, e a probabilidade de agir por impulso (Wells & Hakanen, 1991). Os efeitos diferenciais da audição musical entre o sexo também se podem dever à diferença no processamento emocional entre os mesmos, algo decorrente tanto de fatores biológicos evolucionistas que fazem com que a mulher, mais empática, tenda à internalização e que os homens, mais pragmáticos, à externalização (Pinker, 2008), como de fatores sociais e políticos, fazendo do homem ativo e da mulher passiva num sistema patriarcal e sexista (Beauvoir, 1980; Butler, 2012; Scott, 2005).

Também associados ao suicídio, aos comportamentos auto-lesivos e distúrbios de humor, foram as preferências musicais de Rap, Rock Clássico, Hard Rock, música Alternativa e Punk (Doak, 2003; North & Hargreaves, 2006, 2012; Oliveira & Graça, 2014; Pimentel et al., 2009; Schwartz & Fouts, 2003; Scheel & Westfield, 1999). O gosto por Blues também foi relacionado com a aceitação do suicídio, com os seus temas de depressão e sofrimento (Stack, 2002), assim como o Country, em relação aos desgostos amorosos e o sofrimento (Stack & Gundlach, 1992), e a Ópera (Stack, 2002).

A relação entre preferências musicais e os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida foi então questionada, não somente por serem significativas as diferenças desta relação dependendo dos sexos dos ouvintes de música, como também pela influência de outros fatores, tais como a relação com outros membros com psicopatologias e diferentes estratégias de regulação emocional. Apesar de variados autores demonstrarem a relação entre certas preferências musicais e a ideação suicida e comportamentos auto-lesivos, na literatura encontram-se estudos que não verificam uma relação direta entre estas variáveis, identificando antes a intervenção de diferentes fatores de risco no poder preditivo das preferências musicais, tais como o uso de substâncias, a depressão, problemas familiares, a busca de sensações, a vulnerabilidade emocional, problemas de autoestima, conservadorismo, e delinquência (Arnett, 1992, 1993; Baker & Bor, 2008; Ferreira, de Matos, & Diniz, 2011; Greenwood & Long, 2009; Lacourse et al., 2001; Martin et al., 1993; Mikolajczak & Deseilles, 2012; Mulder et al., 2007; North & Hargreaves, 2006; Roberts et al., 1998; Scheel & Westfield, 1999; Schwartz & Fouts, 2003; Vuolo, Uggen & Lageson, 2014).

2.6 Relação entre comportamentos auto-lesivos, ideação suicida e subculturas

Surge então a hipótese de não serem as preferências musicais em si, mas a identificação com certa subcultura que estaria relacionada com os comportamentos auto-lesivos e com a ideação suicida (Stack, 2002; Stack & Gundlach, 1992; Stack et al., 1994). Em outro estudo (Hughes et al., 2018), indicou-se que indivíduos que se identificavam com subculturas alternativas apresentavam e/ou poderiam prever maior risco de comportamentos auto-lesivos e de suicídio, assim como que tal relação se manteve quando controlados outros fatores de risco. A associação também foi verificada independente do controle de outras variáveis por Young et al. (2006) particularmente para a subcultura Gótica.

Adler e Adler (2011) refletem acerca dos contextos possíveis para os comportamentos auto-lesivos e para a ideação suicida ocorrerem, ressaltando que a divulgação e propagação dos mesmos se têm relacionado principalmente com três movimentos sociais: os Hardcore Punks, os Emos, e os Góticos (do acrônimo *emocore*- de *emotion* junto à *hardcore* -do inglês). Estes grupos representam uma fração da população que se auto-lesiona, tendo em comum o facto de o fazerem mais abertamente, de serem mais direcionados para certo género de música, e por se identificarem com certa forma de ser e ideologias que acabam por normalizar mais estes comportamentos. A normalização aqui referida pode-se associar à maior popularização dos fenómenos, sendo mais abordados nas letras de músicas, séries, filmes e principalmente em certos grupos na internet (Jacob, Evans, & Scourfield, 2017; Zdanow & Wright, 2012). Acresce que os comportamentos auto-lesivos e o suicídio seriam valorizados e aceites enquanto estratégias de regulação emocional em certas subculturas, como a Emo, onde os membros aprendem formas de o realizar e interpretar, assim como constroem identidades e fortalecem a subcultura em torno destes comportamentos (Adler & Adler, 2007; Trnka et al., 2018; Zdanow & Wright, 2012). Outro fator comum destas culturas, presente na própria etiologia '*hardcore*', género musical que engloba os outros aqui referidos bem como as subculturas referidas, e que acredito que deve ser destacado, é o culto à intensidade, ao agressivo ou impulsivo, pesado, como supõe o termo em inglês (Martin, 2006). As emoções de valência negativa também seriam o tema das músicas predominantemente ouvidas, como por exemplo, o desespero, a nostalgia, a auto-depreciação, as desilusões amorosas, e o niilismo (Adler & Adler, 2007; Bailey, 2005). O *hardcore* estaria associado à prontidão para a vivência de emoções pesadas, isto é, a valorização da intensidade da experiência emocional independente de sua valência. Tal é referido na literatura (Pandey & Choubey, 2010) enquanto correlacionado negativamente com o bem-estar e a saúde mental, apontando para a necessidade de combater a disseminação deste ideal na cultura. O *hardcore* também estaria associado com a quebra dos padrões vigentes e

com a criação inovadora que é arrebatadora, algo perceptível nas músicas sob a designação *hardcore* como o Heavy Metal, Rock Punk e Rock Emo, cujas melodias e letras fogem aos padrões não somente estéticos da música como dos temas abordados, tratando-se muitas vezes de recusa e de revolta face à sociedade e ideologias vigentes dominantes (Adler & Adler, 2007, 2011; Felipe, 2012; Guerra & Quintela 2016; Janišová, 2018).

Na literatura pode ver-se uma associação entre comportamentos auto-lesivos e suicídio entre adeptos das subculturas Punk, Emo, Góticas e Metaleiros/Hardrockers maioritariamente (Adler & Adler, 2007 e 2011; Bowes et al. 2015; Definis-Gojanović et al., 2009; Hawkes, 2015; Hughes et al., 2018; Janišová, 2018; Martin, 2006; Martínez-Ferrer & Stattin, 2019; Miranda & Claes, 2009; Mulder et al., 2007; O'Connor et al., 2006; O'Connor & Portzky, 2015; Rutledge et al., 2008; Stack, Lester, & Rosenberg, 2012; Trnka et al., 2018; Young et al., 2014; Zdanow & Wright, 2012.). As subculturas Emo e Gótica estariam mais associadas a temas mórbidos e a uma certa identificação com a melancolia. Martin (2006) revela a diferença entre estes dois grupos apontando que os Emo's odeiam a si mesmo, ao passo que os Góticos odeiam a todo o mundo. Contudo, enquanto que a primeira se associa mais a uma postura niilista diante da vida, de desesperança e luto, a segunda associa-se mais à reatividade emocional diante das barbaridades da sociedade contemporânea e à procura do retomar a sensibilidade numa sociedade superficial e automatizada. O mesmo é referido ocorrer com a Street Culture, cuja música mais representativa é o Rap, mais associada às temáticas de violência, estigmatização, traumas, indignação social, abuso de drogas, e delinquência (Doak, 2003; Elliott, 2013; North & Hargreaves, 2006; Pavis & Cunningham-Burley, 1999; Schwartz & Fouts, 2003; St. Lawrence & Joyner, 1991).

Embora haja evidências do maior risco entre aqueles mais adeptos de certas subculturas e com certas preferências pelos géneros musicais apontados, falta informação para compreender tal fenómeno (Hughes et al., 2018). Outros autores apontam para aspetos positivos das subculturas alternativas. Bailey (2005) verificou que membros da subcultura Emo a viam como facilitadora para a sua formação identitária, possibilitadora de interações sociais bem como de envolvimento emocional, sendo um meio onde podem partilhar as suas experiências e sentimentos através da música. Martin (2006) também verificou que as subculturas permitiam aos membros sentirem-se integrados num grupo, fugindo à solidão. Garland e Hodkinson (2014) e Newman (2018), ainda apontam que as subculturas alternativas seriam estigmatizadas na sociedade e que os seus membros seriam alvo de crimes de ódio e preconceito, fatores estes que acabariam por estar associados à vitimização e, conseqüentemente, aos comportamentos auto-lesivos e ao suicídio. Deste modo, assim como as preferências musicais, as subculturas

também teriam uma relação com os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida de modo indireto, onde a identificação com uma subcultura nem sempre resultaria em tal associação. Ora as subculturas permitiriam benefícios, servindo de espaços para a abertura e partilha de experiências, o seriam espaços propícios para o surgimento das sintomatologias aqui discutidas.

2.7 As subculturas, a regulação emocional e os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida

Dada a literatura apresentada, com estudos ambivalentes no que se refere à relação entre subculturas e comportamentos auto-lesivos e ideação suicida, alguns autores verificaram a relação quando outros fatores foram controlados, revelando-se a associação apenas quando a identificação com certa subcultura estava também atrelada a perturbações de humor, tais como a depressão, em que se verifica a vulnerabilidade emocional (Garrido, 2017; Martin et al., 1993; Martínez-Ferrer & Stattin, 2019; Neacsciu, Fang, Rodriguez, & Rosenthal, 2018; O'Connor & Portzky, 2015; Orozco, 2015).

Algumas teorias foram propostas para compreender a relação aqui exposta entre certos comportamentos e a preferência por certos gêneros musicais, bem como a afiliação às subculturas associadas aos riscos de praticar comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, nomeadamente indicando que indivíduos que já são em si vulneráveis e se auto lesionam acabam por procurar identificação com grupos com dificuldades semelhantes, expressas por meio das letras das suas músicas (Arnett, 1991; Bowes et al., 2015; Martin et al., 1993; Schwartz & Fouts, 2003; Young et al., 2006, 2014; Till, Fraissler, Voracek, Tran & Niederkrotenthaler, 2019).

Outra teoria proposta prevê uma relação inversa, onde a afiliação a certa subcultura é que levaria aos comportamentos auto-lesivos e risco de suicídio devido à influência grupal ou contágio social de ícones, assim como daquilo que é propagado nas letras das músicas e ideologias predominantes (Adler & Adler, 2007, 2011; Jacob et al., 2017; Martin et al. 1993; O'Connor et al., 2006; Stack, 2002; Stack & Gunlach 1992; Stack et al., 1994; Young et al., 2014). O contágio social tem sido altamente documentado, particularmente no que se refere à socialização dos jovens como meio para a adoção de certos comportamentos prejudiciais. Num estudo, adolescentes e jovens adultos que se auto-lesionam também relataram, na sua maioria, que o comportamento havia sido aprendido com amigos, familiares ou com os media (Deliberto & Nock, 2008, citados em Nock, 2010). O fenómeno é também conhecido por *copycat* ou *werther effect*, onde a identificação com um grupo social leva ao aumento da influência de um indivíduo por este mesmo grupo e à adoção de comportamentos estereotipados do mesmo

(Ellemers, Spears, & Doosje, 2002; Niederkrotenthaler, Till, Kapusta, Voracek, Dervic, & Sonneck, 2009, Niederkrotenthaler et al., 2010; Niederkrotenthaler, Reidenberg, Till, & Gould, 2014). O termo *werther effect* adveio das repercussões após a publicação do livro “*Os sofrimentos do Jovem Werther*” (1774) por Johan Wolfgang von Goeth, cuja história de amor culminada em suicídio pela impossibilidade desse mesmo amor acabou por influenciar muitos jovens na altura, algo subentendido após o aumento das taxas de suicídio que se seguiu. Tal é complexo, uma vez que algo que poderia meramente ser uma representação artística pode acabar por servir como referência para alguns. Hilt e Hamm (2014) e Jacobs (2011) referem, ainda a modelagem, o reforço comportamental e as tentativas de ganhar popularidade e atenção como mecanismos sociais que levam aos comportamentos auto-lesivos.

Entretanto, independentemente da direção da relação, isto é, se a presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida leva à identificação com certas subculturas ou se é a identificação com as mesmas que favorece tais comportamentos, acredita-se que tal identificação poderia coincidir com a perpetuação do comportamento patológico ou do seu incentivo, algo não condizente com uma efetiva regulação emocional, mas com uma certa predisposição à intensificação de sentimentos, como foi proposto anteriormente. Tais vulnerabilidades explicariam apenas parte do fenómeno em questão, não considerando o facto de que pessoas, apesar das suas dificuldades, estariam a relacionar-se com a música e suas subculturas de modo disfuncional, o que, com a exposição contínua, acabaria por favorecer a cristalização de certo padrão de funcionamento, ao invés da tentativa de modificação de perspetivas e de formas de viver. Algo que pode estar relacionado com a identificação e mais fácil adoção de certos comportamentos seria a disseminação de ideologias subjacentes a certa compreensão da realidade e da vida, predominantemente associadas a uma certa romantização do sofrimento e da intensidade emocional. (Becker et al., 2004; Gould, Midle, Insel, & Kleinman, 2007; Santos, 2018, Shrestha, 2018). Isto poderia explicar a manutenção do culto do sofrimento ou a repetida exposição a temas para os quais já há uma certa vulnerabilidade, sem que os jovens simplesmente questionem, independentemente de todas as dificuldades existentes que possam viver, que tal não os está a ajudar ou que não é válido de continuar.

Assenta então o carácter inédito deste estudo, ao avaliar não somente o poder preditivo das variáveis da música (preferência musical e tempo de audição musical) e da regulação emocional nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida, mas de realizar tal avaliação em contextos separados: para os participantes que se identificam com as subculturas apontadas na literatura enquanto de risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida e para aqueles que não se identificam com estas mesmas subculturas. Deste modo, pretende-se

compreender melhor a relação entre as variáveis musicais e os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, considerando-se contextos diferenciados para tal associação entre a população de jovens portugueses. Serão também averiguadas diferenças de sexo, como já referidas na literatura, contribuindo-se para a aproximação mais específica a este fenómeno para a prática clínica.

Capítulo 3 – Metodologia

3.1 Desenho da Investigação

O presente estudo teve como principal objetivo investigar a relação entre diferentes variáveis musicais, a regulação emocional individual, a identificação com certa subcultura e a presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, em jovens adultos dos 18 aos 35 anos. Baseado num desenho quantitativo, não-experimental e de carácter transversal, considera um único momento de avaliação dos resultados dos participantes (Christensen, Johnson, Turner, & Christensen, 2011). Este estudo apresenta, posto isto, um carácter descritivo e inferencial, uma vez que visa descrever a população em estudo e avaliar não somente as diferenças nas variáveis em estudo conforme características sociais, tais como o sexo e a identificação com subculturas, como também procura verificar o poder preditivo das variáveis musicais, da identificação com as subculturas, da regulação emocional, e do sexo nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida (Christensen et al., 2011).

3.2 Objetivos e Hipóteses

O presente estudo tem como objetivos principais: a) investigar relações entre variáveis musicais (nomeadamente, as preferências musicais e o tempo de audição musical semanal em horas), a regulação emocional (funcional e disfuncional), a identificação com certa subcultura, o sexo, e a presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida; e b) explorar as diferenças entre os indivíduos que se identificam com as subculturas que foram associadas ao risco de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida e aqueles que não se identificam com as subculturas associadas ao risco, relativamente ao padrão de relações das variáveis em estudo.

Os objetivos específicos deste estudo seriam:

- 1) Caracterizar a amostra relativamente à identificação com as subculturas.
- 2) Analisar diferenças entre os indivíduos que se identificam com as subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de suicídio e aqueles que

não se identificam com as subculturas associadas a este risco, relativamente às diferentes variáveis em estudo.

3) Analisar diferenças entre homens e mulheres, relativamente às diferentes variáveis em estudo.

4) Investigar o papel preditor das variáveis musicais (preferências musicais e de audição musical), bem como da regulação emocional, nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida, controlando a variável sexo, nos dois grupos em estudo (indivíduos que se identificam com as subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de suicídio e indivíduos que não se identificam com as subculturas associadas a este risco).

Tendo em conta os objetivos acima, delinearam-se as seguintes hipóteses:

H1: Espera-se que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas de risco” apresentem maior tempo de audição musical do que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas não associadas ao risco”.

H2: Espera-se que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas de risco” prefiram música do tipo Intensa e Rebelde e que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas não associadas ao risco” prefiram música Convencional.

H3: Espera-se que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas de risco” apresentem pontuações mais elevadas de regulação emocional disfuncional e pontuações mais baixas de regulação emocional funcional, comparativamente com os indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”.

H4: Espera-se que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas de risco” apresentem pontuações mais elevadas relativamente à presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, comparativamente com os indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”.

H5: Espera-se que os indivíduos do sexo feminino apresentem pontuações mais elevadas relativamente à presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida do que os indivíduos do sexo masculino.

H6: Espera-se que a regulação emocional funcional esteja associada negativamente à regulação emocional disfuncional.

H7: Espera-se que os comportamentos auto-lesivos estejam positivamente associados à ideação suicida.

H8: Espera-se que a música de tipo Reflexiva e Complexa e de tipo Convencional estejam positivamente associadas à regulação emocional funcional e negativamente associadas ao comportamento auto-lesivo e ideação suicida.

H9: Espera-se que as variáveis de preferência por música Intensa e Rebelde, o tempo de audição musical, a regulação emocional, e o sexo feminino sejam preditores dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida para os indivíduos das “Subculturas de risco”.

H10: Espera-se que as variáveis de preferência por música Intensa e Rebelde e menor preferência por música Convencional, o tempo de audição musical, e a regulação emocional sejam preditores dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida para os indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”.

3.3 Participantes

A amostra deste estudo é constituída por 448 participantes com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos ($M=25.74$ anos, $DP= 5.29$ anos), de nacionalidade portuguesa e cuja informação sociodemográfica é apresentada no Quadro 1. Do total de participantes, 186 (41.5%) pertencem ao grupo dos indivíduos que se identificam com as subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida e 262 (58.5%) ao grupo que não se identifica com estas subculturas.

Relativamente ao grupo dos indivíduos das “Subculturas de risco”, 106 (57%) participantes identificaram-se com o sexo masculino e 80 (43%) com o sexo feminino. As idades dos participantes foram compreendidas entre os 18 e os 35 anos ($M= 27.16$ anos, $DP= 0.42$ anos), dos quais a maioria reside na região de Lisboa e Vale do Tejo (51.6%) e no Norte (22.6%). A maioria dos participantes encontram-se solteiros (71%) e concluíram o Ensino Secundário (45.2%), ou a Licenciatura (31.2%). Quanto ao estado ocupacional a maioria trabalha a tempo inteiro (52.7%) ou estuda (33.3%). Quanto à realização de acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, a maioria nunca o realizou (54.8%).

Relativamente ao grupo dos indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”, 189 (72.1%) participantes identificaram-se com o sexo feminino e 73 (27.9%) com o sexo masculino. As idades dos participantes foram compreendidas entre os 18 e os 35 anos ($M= 24.76$ anos, $DP= 0.29$ anos), dos quais a maioria reside na região de Lisboa e Vale do Tejo (51.5%) e Centro (19.8%). A maioria dos participantes encontram-se solteiros (86.6%) e concluíram a Licenciatura (42.4%) ou o Ensino Secundário (26%). Quanto ao estado ocupacional, a maioria encontra-se a estudar (45.4%) ou a trabalhar a tempo inteiro (36.3%).

Quanto à realização de acompanhamento psicológico e/ou psiquiátrico, a maioria nunca o realizou (46.9%).

Quadro 1

Dados sociodemográficos dos participantes

Dados Sociodemográficos	Participantes (N=448) n (%)
Sexo	
Feminino	269 (60%)
Masculino	179 (40%)
Local de Residência	
Lisboa e Vale do Tejo	231 (51.6%)
Região Norte	93 (20.8%)
Região do Centro	87 (19.4%)
Algarve	12 (2.7%)
Região do Alentejo	8 (1.8%)
Ilhas	11 (2.5%)
Fora do País	6 (1.3%)
Estado Civil	
Solteiros	359 (80.1%)
Casados ou em União de Facto	84 (18.8%)
Divorciados ou Separados	3 (0.7%)
Viúvos	3 (0.7%)
Nível de Escolaridade	
1º Ciclo	1 (0.2%)
2º Ciclo	1 (0.2%)
3º Ciclo	12 (2.7%)
Ensino Secundário	152 (33.9%)

Licenciatura	169 (37.7%)
Mestrado	104 (23.2%)
Doutorado	9 (2%)
Realização de Acompanhamento Psicológico e/ou Psiquiátrico	
Nunca Realizaram	225 (50.2%)
Realizaram no Passado	161 (35.9%)
Estão a Realizar	62 (13.8%).

3.4 Instrumentos

O protocolo utilizado para a recolha dos dados foi constituído por 4 instrumentos (Anexo B), nomeadamente, um “Questionário Geral Sociodemográfico”, com questões acerca de informação sociodemográfica relevante para o estudo (e.g.: idade, escolaridade, profissão, relativas ao tempo de audição musical semanal, identificação com certas subculturas), bem como instrumentos que avaliam as preferências musicais, a regulação emocional, e a presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida. De seguida são apresentados os instrumentos utilizados.

Identificação com subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de suicídio. A identificação com diferentes subculturas foi realizada a partir de um questionário construído especificamente para o presente estudo, com uma escala Likert de 6 pontos, variando de (1) “Não me identifico nada” a (6) “Identifico-me totalmente”. As subculturas apresentadas incluíam: Punk, Emo, Gótico, Metaleiro, Raver/Festivaleiro, Hippie, Hipster, Cosplay, Nerd, e Alternativo, assim como com outra subcultura, que seria mencionada numa pergunta de resposta aberta subsequente caso fosse selecionada. Entre as subculturas referidas pelos participantes para além das inicialmente propostas, foram identificadas a Street Culture, a Japonesa, Rockeiros, Erudita, Portuguesa, Gabber, Modernistas, e Outras, pouco conhecidas.

Com base nas pontuações obtidas no questionário de identificação com certas subculturas, os participantes foram organizados em dois grupos. O grupo 1, denominado “Subculturas de

risco”, inclui participantes que responderam (5) “Identifico-me muito” ou (6) “Identifico-me totalmente” aos itens das subculturas referidas na literatura como estando associadas a um maior risco de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, nomeadamente: Punk, Emo, Gótica, Metal, Alternativo e Street Culture. O grupo 2, denominado “Subculturas não associadas ao risco”, inclui participantes que responderam (5) “Identifico-me muito” ou (6) “Identifico-me totalmente” aos itens referentes às subculturas consideradas pela literatura como não estando associadas a risco de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, designadamente, as subculturas Raver/Festivaleiro, Hippie, Hipster, Cosplay, Nerds, Japonesa, Erudita, Portuguesa, Modernistas, e Outros. A pontuação total mais alta (apenas considerando os valores de 5 e 6) totalizada para cada participante entre os itens referentes às “Subculturas de risco” e às “Subculturas não associadas ao risco”, designaria o grupo em que o participante estaria inserido. No que se refere à identificação com a subcultura Alternativa, dada a subjetividade de interpretação de tal categoria, esta foi considerada como associada às “Subculturas de risco” apenas quando as pontuações de identificação às demais subculturas apontavam para um perfil de participante mais inclinado para a identificação com as “Subculturas de risco”. Foram excluídos os participantes cujas identificações apontavam para a possibilidade de estar inserido em qualquer um dos grupos, restando 448 participantes no total.

Preferências Musicais. As preferências musicais dos participantes foram avaliadas através do *Short Test on Musical Preferences* (STOMP; Rentfrow & Gosling, 2003; versão portuguesa STOMP-PT: Pereira & Pocinho, 2015). O STOMP-PT é um instrumento de auto-relato que se baseia na avaliação de preferência por 19 géneros musicais a partir de uma escala Likert de 7 pontos variando entre (1) “Desagrada-me bastante” e (7) “Agrada-me bastante”. Estes são géneros musicais gerais, posteriormente agrupados em 4 subescalas:

- (1) Música Reflexiva e Complexa: inclui géneros musicais que facilitam a introspeção e cujas letras e arranjos são estruturalmente complexos, tais como a música Clássica/Erudita, Jazz, Blues, e músicas do Mundo/World. Suscitam emoções de valências positivas e negativas e apresentam ritmo e energia mais lentos do que as outras dimensões. Recorrem maioritariamente a instrumentos acústicos e pouca voz. O nível de consistência interna obtido para tal escala foi de $\alpha=0.67$
- (2) Música Intensa e Rebelde: inclui géneros musicais carregados de energia e ritmo rápido, com letras e estrutura moderadamente complexas, enfatizando temas revolucionários,

com predomínio de emoções e energias negativas, tais como o Rock, Heavy Metal, e música Alternativa/Indie. Utilizam instrumentos elétricos e têm voz em quantidade moderada. O nível de consistência interna obtido para tal escala foi de $\alpha=0.57$

- (3) Música Convencional: inclui géneros musicais que utilizam instrumentos acústicos e/ou elétricos, com estrutura simples, direta, ritmo moderado, e com quantidade moderada de voz, tais como as Bandas Sonoras Originais, Música Pimba e Ligeira Portuguesa, Religiosa, Infantil, e *Pop*. Suscitam emoções predominantemente positivas, mas de moderada intensidade. O nível de consistência interna obtido para tal escala foi de $\alpha=0.66$
- (4) Música Energética e Rítmica: inclui géneros de música moderadamente complexos e ativos, com ausência de carga afetiva, variando entre níveis médios e altos de energia, e utilizando quantidades regradas de voz, tais como a música Eletrónica, R&B, Soul, Funk, Rap, Hip-Hop, e Reggae. O ritmo e as batidas são moderados, assim como o uso de instrumentos que acabam por dominar a música. O nível de consistência interna obtido para tal escala foi de $\alpha=0.84$

Regulação Emocional. A regulação emocional dos participantes foi avaliada através do *Regulation of Emotion Questionnaire 2* (REQ2; Phillips & Power, 2007; versão portuguesa REQ2-PT: Pardal, 2012). O REQ2 é um instrumento de auto-relato que se baseia na avaliação do grau de frequência de adoção de diferentes comportamentos, apresentados em 21 itens, a partir de uma escala Likert de 5 pontos variando entre (1) “Nunca” e (5) “Sempre”. O questionário foi desenvolvido com o objetivo de avaliar a frequência com que os adolescentes usam estratégias funcionais e disfuncionais de regulação das emoções que decorrem de forma interna (intrapessoal) e externa (interpessoal). Os resultados distribuem-se ao longo de quatro fatores para a regulação emocional: “funcional-interna”(e.g.: (11) “*Relativizo a situação*”), “disfuncional-interna” (e.g.: (5) “*Faço mal a mim próprio(a) de alguma forma*”), “funcional-externa” (e.g.: (1) “*Falo com alguém sobre a forma como me sinto*”), ou “disfuncional-externa”(e.g.: (13) “*Tento fazer com que os outros se sintam mal (ex. sendo rude, ignorando-os)*”). A pontuação total é calculada pela soma de cada item, de modo que quanto mais elevada a pontuação nas subescalas *funcionais*, melhor será a perceção da regulação emocional e, quanto maior a pontuação nas subescalas *disfuncionais*, mais disfuncional será a regulação emocional. No presente estudo foram utilizadas duas subescalas, nomeadamente a de regulação emocional funcional, composta por 10 itens e a de regulação emocional disfuncional, composta

por 11 itens, cujos níveis de consistência interna obtidos foram de $\alpha=0.72$ e 0.70 , respetivamente.

Comportamentos Auto-Lesivos e Ideação Suicida. Os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida dos participantes foram avaliados através do *Questionário de Impulso, Auto-dano e Ideação Suicida na Adolescência* (QIAIS; Castilho, Barreto Carvalho, Nunes, & Pinto-Gouveia, 2012). O QIAIS é um instrumento de auto-relato que se baseia na avaliação do grau de frequência de adoção de diferentes comportamentos, apresentados em 64 itens, distribuídos por quatro fatores: A – Impulso, B - Auto-dano, C – Funções, e D - Ideação-suicida, a partir de uma escala Likert de 4 pontos variando entre (0) “Nunca acontece comigo” e (3) “Acontece-me sempre”. O fator Impulso relaciona-se com o desejo ou emoção que impele um indivíduo a realizar algo de forma súbita e irrefletida; o fator Auto-dano refere-se ao ato de fazer mal a si mesmo, sendo ausente a intenção de suicídio, através da realização de danos físicos leves ou moderados no corpo; o fator das Funções, refere-se à motivação da pessoa para realizar o comportamento auto-lesivo, e o fator Ideação Suicida, associa-se à ideia de causar um risco consciente a si próprio. Quanto maior for a pontuação final, maior a impulsividade, mais frequentes a prática de autodestruição, e a ideação suicida. No presente estudo, foram utilizadas as subescalas de Auto-dano, composta por 14 itens (e.g.: (5) “*Corto certas partes do meu corpo de propósito (com lâminas, tesouras, facas, xacto, etc.)*”, (9) “*Abuso excessivamente de álcool*”) e de ideação suicida, composta por 3 itens (e.g.: (1) “*Já houve alturas em que pensei que me queria matar*”) cujos valores de nível de consistência interna foram respetivamente de $\alpha =0.79$ e 0.87 .

3.5 Procedimento

A recolha de dados da presente investigação foi realizada a partir de um método de amostragem não probabilística e de conveniência, mais concretamente, através do método de bola-de-neve, baseado nas redes sociais informais contactadas pela mestranda e o estudo foi compartilhado através das redes sociais (Facebook e Instagram), tanto para o público geral, como também em grupos específicos de membros de diferentes subculturas. Os critérios de inclusão dos participantes incluíam: (1) ser jovem adulto com idade entre os 18 e os 35 anos, (2) ter nacionalidade portuguesa, e (3) capacidade para ler e escrever em Língua Portuguesa. Os protocolos de investigação foram preenchidos através da plataforma *Qualtrics*. Antes do procedimento, os participantes liam o consentimento informado, onde era explicada a finalidade do estudo e referida a participação voluntária, de modo que a desistência não acarretaria em

nenhuma consequência para o participante, podendo realizá-la a qualquer momento. Foi fornecido o tempo estimado de 10 minutos para o preenchimento do questionário e os dados eram confidenciais e anónimos, sendo tratados de modo global e não individualmente. Em caso de procura de esclarecimentos e de informações sobre a presente investigação, foi indicado o email pessoal da investigadora no consentimento para a possibilidade de contacto.

A confidencialidade dos dados obtidos ficou salvaguardada, quer em relação às instituições participantes, quer em relação a terceiros, pois nenhum dado de qualquer participante foi analisado ou será revelado individualmente.

3.6 Análise de Dados

A análise dos dados foi realizada com recurso ao *software* estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS), versão 26 (SPSS Inc., Chicago, IL). Em primeiro lugar, realizou-se a análise descritiva dos dados (médias e desvios-padrão). Em seguida, realizou-se o teste de comparação de médias *t-Student* de amostras independentes, para analisar diferenças entre o grupo dos indivíduos das “Subculturas de risco” e o grupo dos indivíduos das “Subculturas não associados ao risco”, bem como entre os sexos. Posteriormente, analisou-se o padrão de relações entre as variáveis, através do coeficiente de correlação Pearson. Para avaliar o efeito e a intensidade das correlações, foi utilizada a classificação de Cohen (1992), em que uma correlação é considerada fraca se apresentar valores inferiores a .39, moderada quando os valores estão entre .40 e .49, e forte quando os valores são superiores a .50. Por fim, realizaram-se várias regressões múltiplas lineares, para o grupo das “Subcultura de risco” e para o grupo das “Subculturas não associado ao risco”, de modo a analisar o papel preditor das preferências musicais, do tempo de audição musical semanal, e da autorregulação nos comportamentos autolesivos e na ideação suicida. As assunções para a realização da análise de regressões foram avaliadas (e.g., normalidade, multicolinearidade) e nenhuma foi violada, assim como foi verificada a distribuição normal dos resultados, podendo assim proceder para as análises estatísticas inferenciais paramétricas. Para tal verificação, recorreu-se aos valores de assimetria e curtose, à verificação do gráfico de curva de normalidade, bem com ao teste de Kolmogorov-Smirnov ($N > 50$). Consideraram-se estatisticamente significativas as análises cuja probabilidade de significância do teste, *p-value*, fosse inferior ou igual a .05.

Capítulo 4 - Resultados

4.1 Estatística Descritiva e Comparação de Médias entre Indivíduos pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco” e do grupo das “Subculturas não associadas ao risco”

São apresentados no Quadro 2 os resultados médios e respectivos desvios-padrão das variáveis tempo de audição musical semanal, preferências musicais, regulação emocional, comportamentos auto-lesivos, e ideação suicida. Podem ainda ser observadas as diferenças de médias entre os indivíduos do grupo das “Subculturas de risco” e do grupo das “Subculturas não associadas ao risco”, a partir da análise do teste *t* para amostras independentes. Os resultados indicaram a presença de diferenças significativas entre os dois grupos, relativamente a todas as variáveis deste estudo. O grupo das “Subculturas de risco” apresenta valores médios mais altos quanto ao tempo de audição musical, a preferência pelo género de música Intensa e Rebelde, a regulação emocional disfuncional, os comportamentos auto-lesivos, e a ideação suicida. O grupo das “Subculturas não associadas ao risco” apresentou uma maior preferência por música Reflexiva e Complexa, Convencional, e Energética e Rítmica, bem como níveis mais elevados de regulação emocional funcional.

Quadro 2

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e das diferenças de médias entre os participantes do grupo das “Subculturas de risco” e do grupo das “Subculturas não associado ao risco”.

Variáveis	Amplitude	“Subculturas de risco” (n=186)		“Subculturas não associadas ao risco” (n=262)		Diferenças entre grupos <i>t</i>
		<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	
Tempo de audição musical semanal (h)		21.75	15.43	17.27	17.01	2.86**
Música Reflexiva e Complexa	1-7	4.47	1.06	4.83	1.16	-3.29***
Música Intensa e Rebelde	1-7	5.82	1.03	4.58	1.42	10.74***
Música Convencional	1-7	2.78	1.06	3.37	1.01	-6.04***
Música Energética e Rítmica	1-7	3.64	1.37	4.26	1.18	-4.95***
Regulação Emocional Funcional	8-40	29.79	5.20	30.90	5.28	-2.20*
Regulação Emocional Disfuncional	10-50	24.34	5.38	23.19	5.00	2.33*
Comportamentos auto-lesivos	0-42	4.65	4.96	3.53	4.33	2.49*
Ideação Suicida	0-9	3.32	2.81	2.63	2.58	2.69**

Nota. * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$, *** $p \leq .001$.

O Quadro 3 apresenta os resultados médios e respectivos desvios-padrão das variáveis em análise, assim como as diferenças de médias entre sexos, a partir da análise do teste *t* para amostras independentes. Os resultados sugerem a existência de diferenças significativas entre homens e mulheres quanto ao tempo de audição musical, preferências musicais, regulação emocional funcional, e a ideação suicida. Mais concretamente, os homens apresentavam maior tempo de audição musical do que as mulheres, bem como uma maior preferência por música Intensa e Rebelde, e níveis mais elevados de ideação suicida. Por sua vez, constatou-se que as mulheres apresentam uma maior preferência por música Reflexiva e Complexa, Convencional, e Energética e Rítmica, bem como níveis mais elevados de regulação emocional funcional. Não

foram encontradas diferenças significativas entre os sexos quanto à regulação emocional disfuncional e os comportamentos auto-lesivos.

Quadro 3

Estatísticas descritivas das variáveis em estudo e das diferenças de médias entre os sexos

Variáveis	Amplitude	Homem (n=179)		Mulher (n=269)		Diferenças entre grupos
		M	DP	M	DP	T
Tempo de audição musical semanal (h)		22.08	17.40	17.16	15.61	3.12**
Música Reflexiva e Complexa	1-7	4.52	1.11	4.79	1.14	-2.50*
Música Intensa e Rebelde	1-7	5.41	1.30	4.88	1.45	3.97***
Música Convencional	1-7	2.89	1.07	3.29	1.04	-3.94***
Música Energética e Rítmica	1-7	3.83	1.34	4.12	1.26	-2.32*
Regulação Emocional Funcional	8-40	29.56	5.20	31.02	5.24	-2.89**
Regulação Emocional Disfuncional	10-50	23.58	5.13	23.72	5.23	-0.30
Comportamentos auto-lesivos	0-42	2.52	2.51	3.17	2.79	-1.39
Ideação Suicida	0-9	3.32	2.81	2.63	2.58	-2.59**

Nota. * $p \leq 0,05$, ** $p \leq 0,01$, *** $p \leq 0,001$.

4.2 Análise de Correlações

Nos Quadros 4 e 5 apresentam-se as correlações entre as variáveis investigadas, para homens e mulheres do grupo das “Subculturas de risco” e do grupo das “Subculturas não associadas ao risco”, respetivamente. De uma forma geral, as correlações observadas foram consistentes com o padrão de relações esperado entre as variáveis em estudo.

Relativamente ao grupo das “Subculturas de risco”, no que diz respeito ao tempo de audição musical, este correlacionou-se de modo positivo e com intensidade fraca com a regulação emocional disfuncional, com os comportamentos auto-lesivos, e com a ideação suicida nos homens. O tempo de audição musical também se correlacionou negativamente e com intensidade fraca com a música Convencional e com a música Energética e Rítmica nas mulheres deste grupo.

No que se refere às preferências musicais, a música do tipo Reflexiva e Complexa correlacionou-se de modo positivo e com intensidade fraca com a regulação emocional funcional nos homens. Para a música Energética e Rítmica, foram encontradas correlações positivas e de intensidade fraca com os comportamentos auto-lesivos nos homens deste grupo.

Relativamente à regulação emocional funcional, esta correlacionou-se negativamente e com intensidade fraca com a regulação emocional disfuncional nas mulheres e com a ideação suicida em homens e mulheres. Quanto à regulação emocional disfuncional, foram encontradas correlações positivas e de intensidade moderada com os comportamentos auto-lesivos e com a ideação suicida em homens e mulheres.

Quanto aos comportamentos auto-lesivos, existem correlações positivas e de intensidade moderada com a ideação suicida em ambos os sexos.

Relativamente ao grupo das “Subculturas não associadas ao risco”, e no que diz respeito ao tempo de audição musical, este correlacionou-se de modo positivo e com intensidade fraca com a regulação emocional funcional nos homens e com os comportamentos auto-lesivos nas mulheres. O tempo de audição musical correlacionou-se ainda de modo positivo e com intensidade fraca com o género musical Convencional e com a música Energética e Rítmica nos homens, bem como com a música Reflexiva e Complexa, nas mulheres.

No que se refere às preferências musicais, encontrou-se uma correlação positiva de intensidade fraca entre a música Reflexiva e Complexa e a regulação emocional funcional, em ambos os sexos, e entre a música de tipo Intensa e Rebelde e os comportamentos auto-lesivos, nas mulheres. A música Convencional correlacionou-se de modo positivo e com intensidade fraca com a regulação emocional funcional, em ambos os sexos, bem como se correlacionou negativamente e com intensidade fraca com os comportamentos auto-lesivos, nos homens deste mesmo grupo. Para a música Energética e Rítmica, foram encontradas correlações positivas e de intensidade fraca com a regulação emocional funcional, nas mulheres.

No que diz respeito à regulação emocional, nomeadamente, a regulação funcional, esta correlacionou-se de modo negativo e com intensidade fraca com a regulação emocional disfuncional, com os comportamentos auto-lesivos, e com a ideação suicida, nas mulheres. No que se refere à regulação emocional disfuncional, foram encontradas correlações positivas e de intensidade moderada com os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida em ambos os sexos.

Quanto aos comportamentos auto-lesivos, foram encontradas correlações positivas e de intensidade moderada com a ideação suicida em ambos os sexos.

Quadro 4

Correlações entre o tempo de audição musical, as preferências musicais, a regulação emocional, os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, considerando os participantes do grupo das “Subculturas de risco” (n= 186)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1- Tempo de Audição Musical (h)	-	-0.21	0.10	-0.33**	-0.33**	-0.12	-0.01	0.02	-0.03
2- Música Reflexiva e Complexa	-0.13	-	0.10	0.33**	0.37** *	0.12	0.13	-0.06	-0.11
3- Música Intensa e Rebelde	0.02	0.17	-	-0.06	- 0.36** *	-0.20	0.05	0.01	-0.02
4- Música Convencional	-0.13	0.52** *	0.13	-	0.49** *	0.13	0.03	-0.15	-0.10
5- Música Energética e Rítmica	0.12	0.39** *	0.11	0.34** *	-	0.16	0.07	0.15	0.03
6- Regulação Emocional Funcional	0.00	0.23*	0.05	0.09	0.13	-	-0.31**	-0.19	-0.26*
7 –Regulação Emocional Disfuncional	0.21*	-0.04	0.15	-0.09	0.07	-0.11	-	0.51** *	0.45***
8- Comportamentos Auto-lesivos	0.23*	0.14.	0.12	0.07	0.31** *	-0.13	0.57** *	-	0.68***
9-Ideação Suicida	0.20*	0.08	0.05	0.06	0.04	- 0.33** *	0.56** *	0.56** *	-

Nota. * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$, *** $p \leq .001$.

Correlações referentes aos homens (n=106) apresentadas abaixo da diagonal e correlações referentes às mulheres (n=80) acima da diagonal

Quadro 5

Correlações entre o tempo de audição musical, as preferências musicais, a regulação emocional, os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, considerando-se os participantes do grupo das “Subculturas não associadas ao risco” (n= 262)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1- Tempo de Audição Musical (h)	-	0.19**	0.13	0.02	0.12	0.08	0.12	0.15*	0.09
2- Música Reflexiva e Complexa	0.22	-	0.16*	0.31***	0.32***	0.20**	-0.06	0.00	-0.10
3- Música Intensa e Rebelde	-0.02	0.30*	-	-0.01	0.07	-0.06	0.10	0.15*	0.08
4- Música Convencional	0.25*	0.41***	-0.07	-	0.26***	0.21**	0.06	-0.10	-0.07
5- Música Energética e Rítmica	0.27*	0.37***	0.00	0.41***	-	0.21**	-0.03	0.10	-0.00
6- Regulação Emocional Funcional	0.24*	0.27*	-0.15	0.36**	0.13	-	-0.28***	-0.19**	-0.35***
7 –Regulação Emocional Disfuncional	-0.06	0.05	0.06	0.05	0.15	-0.02	-	0.47***	0.57***
8- Comportamentos Auto-lesivos	0.02	-0.02	0.07	-0.26*	0.19	-0.04	0.49***	-	0.67***
9- Ideação Suicida	-0.04	0.04	-0.02	0.01	0.04	-0.05	0.61***	0.59***	-

Nota. * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$, *** $p \leq .001$.

Correlações referentes aos homens (n=73) apresentadas abaixo da diagonal e correlações referentes às mulheres (n=189) acima da diagonal.

4.3 Análises de Regressões Lineares Múltiplas

Com vista a analisar o valor preditivo do tempo de audição musical, das preferências musicais, da regulação emocional, e do sexo nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida, procedeu-se à análise de regressões múltiplas lineares. No total foram realizadas quatro regressões lineares múltiplas: duas regressões para prever o efeito das variáveis predictoras nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida, em indivíduos pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco” (Quadro 6) e duas regressões para prever o efeito das variáveis predictoras nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida, para o grupo das “Subculturas não associadas ao risco” (Quadro 7).

No que diz respeito ao grupo “Subculturas de risco”, como se pode verificar no Quadro 6, observaram-se efeitos principais do sexo, da regulação emocional disfuncional, e da música Energética e Rítmica nos comportamentos auto-lesivos. Não foram encontrados efeitos principais significativos do tempo de audição musical, da regulação emocional funcional nem das demais preferências musicais nos comportamentos auto-lesivos. O modelo testado é significativo e explica 35% da variância dos comportamentos auto-lesivos. Para este mesmo grupo, foram também encontrados efeitos principais do sexo, da regulação emocional funcional, e da regulação emocional disfuncional na ideação suicida. Não foram encontrados efeitos principais significativos do tempo de audição musical ou das preferências musicais na ideação suicida. O modelo testado é significativo e explica 34% da variância da ideação suicida.

Como se pode verificar no Quadro 7, entre os participantes das “Subculturas não associados ao risco”, há efeitos principais da regulação emocional disfuncional, da música Convencional, e da música Energética e Rítmica nos comportamentos auto-lesivos. Não foram encontrados efeitos principais significativos entre o sexo, o tempo de audição musical, a regulação emocional funcional nem das demais preferências musicais e os comportamentos auto-lesivos. O modelo é significativo e explica 29% da variância dos comportamentos auto-lesivos. Para este mesmo grupo, foram também encontrados efeitos principais do sexo, da regulação emocional funcional, e da regulação emocional disfuncional na ideação suicida. Não foram encontrados efeitos principais significativos do tempo de audição musical nem das preferências musicais na ideação suicida. O modelo testado é significativo e explica 39% da variância da ideação suicida.

Quadro 6

Análise de regressões múltiplas lineares para os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, em indivíduos das “Subculturas de risco” (n=186).

Variáveis	Comportamentos auto-lesivos			Ideação Suicida		
	B	EP B	B	B	EP B	B
Sexo	0.16	0.62	0.01**	1.23	0.36	0.00***
Tempo de Audição Musical	0.02	0.02	0.46	0.01	0.01	0.47
Regulação Emocional Funcional	-0.08	0.06	0.20	-0.11	0.04	0.00**
Regulação Emocional Disfuncional	0.43	0.06	0.00***	0.24	0.03	0.00***
Música Reflexiva e Complexa	-0.10	0.33	0.77	0.01	0.19	0.98
Música Intensa e Rebelde	0.16	0.30	0.59	-0.14	0.17	0.42
Música Convencional	-0.47	0.34	0.17	0.09	0.19	0.65
Música Energética e Rítmica	0.90	0.26	0.00***	0.03	0.15	0.86
R ²	0.35			0.34		
F	11.968			11.182		

Nota. * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$, *** $p \leq .001$. EP= Erro Padrão.

Quadro 7

Análise de regressões múltiplas lineares para os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida, em indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco” (n=262).

Variáveis	Comportamentos auto-lesivos			Ideação Suicida		
	B	EP B	B	B	EP B	B
Sexo	0.501	0.53	0.34	0.69	0.29	0.02*
Tempo de Audição Musical	0.02	0.01	0.20	0.01	0.01	0.46
Regulação Emocional Funcional	-0.03	0.05	0.55	-0.08	0.03	0.00**
Regulação Emocional Disfuncional	0.40	0.05	0.00***	0.28	0.03	0.00***
Música Reflexiva e Complexa	0.04	0.23	0.88	-0.01	0.13	0.93
Música Intensa e Rebelde	0.19	0.17	0.26	-0.02	0.09	0.80
Música Convencional	-0.91	0.26	0.00***	-0.14	0.14	0.32
Música Energética e Rítmica	0.61	0.21	0.01**	0.09	0.12	0.45
R ²	0.29			0.38		
F	12.79			19.089		

Nota. * $p \leq .05$, ** $p \leq .01$, *** $p \leq .001$. EP=Erro Padrão.

Capítulo 5 - Discussão de Resultados

O presente estudo pretendeu contribuir para a investigação acerca do papel da música nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida. Particularmente, tal foi abordado a partir da análise da relação entre diferentes variáveis musicais, nomeadamente, as preferências musicais e o tempo de audição musical, a regulação emocional, os comportamentos auto-lesivos, e a ideação suicida, em dois grupos distintos, especificamente os indivíduos que se identificam com subculturas musicais associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, e aqueles que se identificam com subculturas que não estão associadas a estes riscos. Exploraram-se ainda as diferenças entre os sexos nestas variáveis. O estudo não somente reafirmou a literatura existente no que se refere à consideração de certas subculturas como associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, como também especificou casos em que tal associação não é válida, podendo ter estas mesmas subculturas efeitos benéficos sobre os seus membros. Relações entre preferências musicais e os riscos aqui referidos também foram abordadas, trazendo novas compreensões acerca da temática e, particularmente, acerca da importância da regulação emocional disfuncional e das diferenças entre os sexos para a compreensão dos fenómenos aqui abordados.

Os resultados serão discutidos de acordo com as hipóteses de estudo.

H1: Espera-se que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas de risco” apresentem maior tempo de audição musical do que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas não associadas ao risco”.

Tal como esperado, os resultados obtidos confirmaram a primeira hipótese, o que poderá sugerir que os indivíduos que se identificam com as subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida escutam mais horas de música do que aqueles que se identificam com subculturas não associadas a estes riscos, enquanto forma de regulação emocional disfuncional, nomeadamente, através da intensificação de emoções, a dramatização, a audição cumulativa e repetitiva de música triste associada a experiências contextualizadas de natureza negativa, a ruminação de problemas, assim como o evitamento, a fuga pela indução de diferentes emoções, e a alienação do mundo (De Nora 1999; Miranda & Claes, 2009; Miranda et. al, 2012). Esses resultados estão de acordo com a literatura da área (Juslin & Laukka, 2004), que confirma que as emoções das pessoas estão fortemente relacionadas às principais inclinações para ouvirem música.

H2: Espera-se que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas de risco” prefiram música do tipo Intensa e Rebelde e que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas não associadas ao risco” prefiram música Convencional.

Tal como esperado, os resultados confirmaram a segunda hipótese, com os indivíduos que se identificam com as subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida a preferirem música do tipo Intensa e Rebelde e menor preferência por música do tipo Convencional do que aqueles que se identificam com subculturas que não apresentam estes riscos. Este resultado vai ao encontro da literatura sobre estas subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e ideação suicida, que postula que estas se definem por oposição à cultura dita “mainstream”, isto é, à sociedade e ideologias vigentes dominantes (Adler & Adler, 2007, 2011; Felipe, 2012; Fenderico, 2019; Guerra & Quintela, 2016; Janišová, 2018; Soccio et al., 1999), cuja representação musical é a música Convencional, assim como por se definirem nas suas etiologias enquanto estilos de vida “*hardcore*”, isto é, que prezam pela vivência intensa de todas as emoções (Arnett, 1993; Martin, 2006; Rea et al., 2012).

H3: Espera-se que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas de risco” apresentem pontuações mais elevadas de regulação emocional disfuncional e pontuações mais baixas de regulação emocional funcional, comparativamente com os indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”.

Tal como esperado, os resultados confirmaram a terceira hipótese, com os indivíduos que se identificam com as subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida a apresentarem pontuações mais elevadas de regulação emocional disfuncional e pontuações mais baixas de regulação emocional funcional, comparativamente com os indivíduos que não se identificam com estas subculturas. Estes resultados poderão estar relacionados com o que já foi apresentado nas duas hipóteses anteriores, nomeadamente, a maior audição musical de músicas com temas de valência emocional negativa, como por exemplo, o desespero, a nostalgia, a auto-depreciação, as desilusões amorosas, e o niilismo (Adler & Adler, 2007; Bailey, 2005), como também pelo facto de que membros das subculturas associadas aos riscos aqui referidos podem já ter certas vulnerabilidades emocionais como sofrerem de alguma psicopatologia internalizante (Arnett, 1991; Bowes et al., 2015; Martin et al., 1993; Schwartz & Fouts, 2003; Till, et al., 2019; Young et al., 2006, 2014).

H4: Espera-se que os indivíduos que se identificam com as “Subculturas de risco” apresentem pontuações mais elevadas relativamente à presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida, comparativamente com os indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”.

Assim como as hipóteses anteriores, esta hipótese também foi confirmada. Verificaram-se diferenças significativas entre os dois grupos para todas as variáveis, o que aponta para a diferente natureza dos estilos de vida entre aqueles que se identificam com certas subculturas (Bennett, 2004). A maior presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida entre os indivíduos pertencentes às “Subculturas de risco”, comparativamente àqueles que não se identificam com estas subculturas, resultariam da menor regulação emocional funcional e maior regulação emocional disfuncional, apontadas na hipótese anterior. Para além disso, seriam também um produto do facto de que as “Subculturas de risco”, como os Hardcore Punks, os Emos e os Góticos, representam uma fração da população que se auto-lesiona e o faz mais abertamente (Adler & Adler, 2011), assim como consideram os comportamentos auto-lesivos e o suicídio enquanto estratégias de regulação emocional, onde os membros discutem formas de o realizar e interpretar, assim como constroem identidades e fortalecem a subcultura em torno destes comportamentos (Adler & Adler, 2007; Trnka et al., 2018; Zdanow & Wright, 2012). Os resultados deste estudo, que apontam para a maior presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida entre os indivíduos pertencentes às “Subculturas de risco”, comparativamente àqueles que não se identificam com estas subculturas, reafirmam a necessidade de atenção especial aos riscos nesta população (Adler & Adler, 2007 e 2011; Bowes et al. 2015; Definis-Gojanović et al., 2009; Hawkes, 2015; Hughes et al., 2018; Janišová, 2018; Martin, 2006; Martínez-Ferrer & Stattin, 2019; Miranda & Claes, 2009; Mulder et al., 2007; O'Connor et al., 2006; O'Connor & Portzky, 2015; Rutledge et al., 2008; Stack et al., 2012; Trnka et al., 2018; Young et al., 2014; Zdanow & Wright, 2012).

H5: Espera-se que os indivíduos do sexo feminino apresentem pontuações mais elevadas relativamente à presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida do que os indivíduos do sexo masculino.

Diferentemente do que era esperado, a quinta hipótese foi refutada, uma vez que não foram encontradas diferenças estatisticamente significativas entre os sexos para os comportamentos auto-lesivos, o que contraria alguns estudos que apontam para a maior frequência de comportamentos auto-lesivos no sexo feminino comparativamente com o sexo masculino (Ross & Heath, 2003). Todavia, foram encontradas diferenças estatisticamente

significativas entre os sexos para a ideação suicida, com valores mais altos para os homens. Tal poderia decorrer do facto de que, embora não pratiquem mais comportamentos auto-lesivos, os homens têm uma maior tendência para comportamentos extrenalizantes, impulsivos da passagem ao acto do que as mulheres (Crocetti, Klimstra, Hale, Koot, & Meeus, 2013; Garnefski, Kraaij & Etten, 2005).

H6: Espera-se que a regulação emocional funcional esteja associada negativamente à regulação emocional disfuncional.

A sexta hipótese foi parcialmente refutada, uma vez que a regulação emocional funcional se associou de modo negativo com a regulação emocional disfuncional apenas nas mulheres, de modo que pode refletir, por parte dos homens, a consideração de certas estratégias de regulação emocional disfuncionais enquanto normativas, particularmente aquelas que se referem a comportamentos externalizantes e que de certa forma, estariam associados a estereótipos de géneros vinculados a ideais sexistas de força, virilidade e agressividade (Beauvoir, 1980; Butler, 2012). Alguns exemplos de tais estratégias de regulação emocional disfuncionais seriam encontrados em itens do Regulation of Emotion Questionnaire 2 (Ana Pardal, 2012), como: “*Descarrego os meus sentimentos nos outros fisicamente (lutando, insultando-os)*”, “*Agrido outras pessoas (exemplo digo-lhes coisas desagradáveis, magoando-os)*” e “*Descarrego nos objetos à minha volta (estragando deliberadamente coisas)*”.

H7: Espera-se que os comportamentos auto-lesivos estejam positivamente associados à ideação suicida.

A sétima hipótese foi confirmada. Cabe ressaltar que os comportamentos auto-lesivos se associaram positivamente com a ideação suicida de modo transversal entre os participantes, algo esperado de acordo com o apresentado na literatura (Bergen et al., 2012; Laye-Gindhu & Schonert-Reichl; 2005; Nock & Prinstein, 2005; Nock et al., 2006). No entanto, a correlação entre os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida foi significativamente maior para as mulheres, o que pode apontar para maior precaução e atenção a ser dada aos comportamentos auto-lesivos nas mulheres nas áreas da saúde.

H8: Espera-se que a música de tipo Reflexiva e Complexa e de tipo Convencional estejam positivamente associadas à regulação emocional funcional e negativamente associadas ao comportamento auto-lesivo e ideação suicida.

A oitava hipótese foi parcialmente refutada. Era esperado que a música do género Reflexiva e Complexa estivesse associada à regulação emocional funcional, dado os seus efeitos positivos no relaxamento e na redução da ansiedade amplamente documentados (Boothby & Robbins, 2011; Labbé et al., 2007; Lozon & Bensimon, 2004; Rentfrow & Gosling, 2003). Tal verificou-se para todos os participantes, de modo que este tipo de música pode contribuir para promover estratégias de regulação emocional funcionais, como a distração, o relaxamento, a indução e manutenção de emoções positivas, assim como a possibilidade de permitir um escape de certos pensamentos e sentimentos, a redução da ansiedade, a procura pela resolução de problemas, e a catarse, que seria a libertação de emoções contidas (Lacourse et al., 2011; Luck, 2014; Martin et al., 1993; Miranda & Claes, 2009; Pereira & Pocinho, 2015). Entretanto, tal associação não foi verificada para as mulheres pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco”. Uma possível explicação para este resultado poderá relacionar-se não somente com o facto das mulheres terem uma maior tendência para a introspeção e internalização de problemas comparativamente com os homens (Crocetti et al., 2013; Garnefski et al., 2005), o que poderia ser ainda mais intensificado entre aquelas que estão integradas em subculturas de maior vulnerabilidade, como também pelo facto de que a experiência da audição de música Reflexiva e Complexa já é em si associada à maior introspeção (Pereira & Pocinho, 2015). Deste modo, a audição deste género musical para estas mulheres não ocasionaria nos benefícios das trocas e partilhas intersubjetivas realizadas entre os membros destas subculturas, os quais podem ocorrer, mais facilmente, através da audição de géneros musicais que suscitam experiências mais gregárias e coletivas, como as do tipo Intensa e Rebelde.

Quanto à música Convencional, também era previsto que esta se viesse a relacionar com a regulação emocional funcional e negativamente com os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida dado ter sido apontada enquanto benéfica para a regulação emocional das experiências vividas, ao retratar e oferecer modelos para as problemáticas comuns da juventude, como a sexualidade, a autonomia, a individualidade, as relações românticas, os valores familiares, a identidade, o consumo de drogas, a religião, entre outros (Mulder et al., 2007; Pimentel et al., 2009; Wells & Hakanen, 1991). Contudo, a associação deste género musical foi associada à regulação emocional funcional apenas nos indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco” e à redução dos comportamentos auto-lesivos apenas entre os homens deste mesmo grupo. Tal pode ser explicado pelo facto de que ao serem as subculturas um contraponto à cultura vigente, particularmente as “Subculturas de risco”, havendo uma recusa ao convencional e “*mainstream*”, os indivíduos das “Subculturas de risco” não somente não consumiriam o tipo de música Convencional, como também não a apreciariam. Quanto ao

resultado de que este género musical se associou negativamente com os comportamentos auto-lesivos apenas nos homens, tal poderia ser explicado pelo fato de que a música Convencional, na medida em que reflete o sistema hegemónico, também reflete um sistema patriarcal e sexista, em que a mulher é usualmente objetificada e não empoderada tal como o é o homem (Beauvoir, 1980; Brown, 2011; Durham, 2009; Scott, 2005), de modo que este género musical não traria os mesmos benefícios às mulheres que traz aos homens, mas reforçaria, pelo contrário, expectativas de género que trazem sofrimento psíquico às mulheres (Butler, 2012; Dos Santos, 2015).

H9: Espera-se que as variáveis de preferência por música Intensa e Rebelde, o tempo de audição musical, a regulação emocional, e o sexo feminino sejam preditores dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida para os indivíduos das “Subculturas de risco”.

Esta hipótese foi parcialmente refutada, uma vez que, entre os indivíduos das “Subculturas de risco”, as variáveis predictoras para a prática dos comportamentos auto-lesivos foram a música Energética e Rítmica, a regulação emocional disfuncional e o sexo feminino, ao passo que os preditores para a ideação suicida foram as regulações emocionais funcional e disfuncional e o sexo.

No que se refere às variáveis das preferências musicais, conforme a literatura (Lacourse et al., 2001; Martin et al., 1993; Miranda & Claes, 2007; Scheel & Westfeld, 1999), era esperado que a preferência pelo género de música Intensa e Rebelde fosse correlacionar-se ou, ainda, prever a presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida nos jovens, particularmente entre as mulheres. Contudo, em nenhum caso, se pode afirmar que este género musical prediz os comportamentos auto-lesivos ou a ideação suicida. Pode-se apenas verificar a associação aqui mencionada nas mulheres pertencentes ao grupo das “Subculturas não associadas ao risco”. Seria esperado que tal relação ocorresse para as mulheres pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco”, meio onde poderiam socializar com mais mulheres em estados de vulnerabilidade (Miranda & Claes, 2009). Há, no entanto, uma explicação plausível para tal, na medida em que, diferentemente das mulheres pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco”, aquelas não integradas neste grupo poderiam sentir-se mais solitárias, alienadas, e não beneficiariam dos aspetos positivos da pertença a uma subcultura, como a facilitação da formação da identidade, as possibilidades de interação social, de envolvimento emocional e de reformulação de aprendizagens em momentos difíceis. (Bailey, 2005; Baker & Brown, 2016; Martin, 2006). Mesmo músicas que poderiam ser interpretadas como negativas,

acabam, como referido pelos ouvintes de Metal, por induzir sensações de alívio por refletirem produções criativas e inovadoras realizadas a partir de uma reformulação e aprendizagens de momentos difíceis e de sofrimento. Assim presume-se que mulheres que não pertencem ao grupo das “Subculturas de risco” podem estar mais propensas ao isolamento e à ruminação, estratégias de regulação emocional mais disfuncionais, assim como menos propensas à reformulação de problemas e à catarse (libertação e expressão emocional até então contida e não elaborada), estratégias de regulação emocional funcionais e verificadas na relação de indivíduos com música Intensa e Rebelde (Lacourse, et. al, 2001), e que podem ser facilitadas quando em grupo e em concertos se experienciam sentimentos através da música.

No entanto, a música Energética e Rítmica foi associada aos comportamentos auto-lesivos nos homens pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco” e inclusive considerada um preditor significativo para os comportamentos auto-lesivos neste mesmo grupo. Como não havia correlação entre a música Energética e Rítmica e uma regulação emocional disfuncional para os homens pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco”, presume-se que a relação desta com os comportamentos auto-lesivos se possa dar por outros mecanismos de influência, tais como o do efeito *Werther ou Copycat*, bem como a modelagem, o reforço comportamental, a necessidade de chamar atenção, e de ganhar certa popularidade (Ellemers et al., 2002; Hilt & Hamm, 2014, Niederkrotenthaler et al., 2009, 2010 e Niederkrotenthaler et al., 2014). De entre os géneros musicais englobados na categoria de música Energética e Rítmica, o Hip-Hop e o Rap, muito presentes na Street Culture, já haviam sido apontados na literatura como associados a distúrbios de humor, comportamentos antissociais, e auto-lesivos (Doak, 2003; Elliott, 2013; North & Hargreaves, 2006; Pavis & Cunningham-Burley, 1999; Schwartz & Fouts, 2003; St. Lawrence & Joyner, 1991), sendo estes geralmente mais associados ao sexo masculino, o que pode explicar, em parte, os resultados.

No que se refere ao tempo de audição musical, este não se revelou como um preditor significativo dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida para os indivíduos das “Subculturas de risco”, entretanto, o mesmo correlacionou-se com a regulação emocional disfuncional, com os comportamentos auto-lesivos e com a ideação suicida apenas nos homens deste grupo. Tal resultado pode indicar diferentes experiências musicais entre os sexos, podendo envolver maior ou menor nível de partilhas e convívios com membros de outras subculturas ou maior ou menor identificação com certas figuras representativas da música e das subculturas que são, por sua vez, predominantemente do sexo masculino. Também pode indicar, de acordo com expectativas de género, a adoção de comportamentos externalizantes pelos

homens que se identificam com subculturas que se baseiam na rebeldia e rejeição à sociedade actual.

No que se refere à regulação emocional, a regulação emocional funcional atuou enquanto preditora da redução da ideação suicida. Notável foi que a variável em questão não se correlacionou negativamente com os comportamentos auto-lesivos para os indivíduos do grupo das “Subculturas de risco”, o que pode ser explicado por uma certa confusão ou sobreposição entre os conceitos nas ditas “Subculturas de risco” devido à normalização e aceitação de certos comportamentos auto-lesivos enquanto estratégias de regulação emocional (Alder & Adler, 2007,2011; Jacob et al., 2017; Trnka et al., 2018; Zdanow & Wright, 2012). Quanto à regulação emocional disfuncional, esta confirmou-se um preditor significativo dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida, de acordo com a literatura atual (Adler & Adler, 2007; Campbell et al., 2007; Garrido, 2017; Neacsiu et al., 2018; Tull et al., 2009).

No que se refere ao sexo feminino, este apresentou-se como preditor dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida entre os indivíduos pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco”, o que está em concordância com a literatura apresentada em que estas apresentaram maior vulnerabilidade, seja pela tendência à ruminação, seja pela associação a outros parceiros em estado de vulnerabilidade (Lacourse et al., 2001; Martin et al., 1993; Miranda & Claes, 2007; Scheel & Westfeld, 1999).

H10: Espera-se que as variáveis de preferência por música Intensa e Rebelde e menor preferência por música Convencional, o tempo de audição musical, e a regulação emocional sejam preditores dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida para os indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”.

Esta hipótese foi parcialmente refutada, uma vez que os preditores significativos encontrados para a presença dos comportamentos auto-lesivos, entre os indivíduos que não se identificam com as subculturas associadas a este mesmo risco, foram as preferências por música Convencional e Energética e Rítmica e a regulação emocional disfuncional, ao passo que os preditores para a ideação suicida foram as regulações emocionais funcional e disfuncional e o sexo.

A preferência de música Convencional prediz a redução dos comportamentos auto-lesivos para os indivíduos que não se identificam com as subculturas associadas ao risco de praticar comportamentos auto-lesivos e de suicídio. Tal fenómeno já havia sido apontado na literatura, a indicar que a música Convencional seria benéfica para a regulação emocional das experiências vividas, ao retratar e oferecer modelos às problemáticas adolescentes comuns, tais

como a sexualidade, a autonomia, a individualidade, as relações românticas, os valores familiares, a identidade, o consumo de drogas, a religião, entre outros (Mulder et al., 2007; Pimentel et al., 2009; Wells & Hakanen, 1991). Quanto à preferência por música Energética e Rítmica, assume-se que o seu valor preditivo para os comportamentos auto-lesivos esteja associado ao facto de englobar géneros musicais, tais como o Hip-Hop e o Rap, que já haviam sido apontados na literatura enquanto associados a distúrbios de humor, comportamentos antissociais, e auto-lesivos (Doak, 2003; North & Hargreaves, 2006; Schwartz & Fouts, 2003; St. Lawrence & Joyner, 1991). O valor preditor deste género musical para os comportamentos auto-lesivos e a ideação suicida nas mulheres, entretanto, deve ser questionado, uma vez os resultados apontaram uma associação positiva da música Energética e Rítmica com a regulação emocional funcional para as mulheres pertencentes ao grupo das “Subculturas não associadas ao risco”, algo previsto pela literatura, uma vez que o género de musical Soul, englobado nesta categoria, já havia sido verificado como tendo um efeito positivo nas mulheres ao reduzir os níveis de depressão (Miranda & Claes, 2007).

No que se refere ao tempo de audição musical, este não se revelou um preditor significativo dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida para os indivíduos das “Subculturas não associadas ao risco”, A associação entre o tempo de audição musical e os comportamentos auto-lesivos, entretanto, foi encontrada nas mulheres. Tais descobertas podem dever-se à audição musical com fins de regulação emocional disfuncional, nomeadamente, através dos mecanismos de ruminação (Miranda et al., 2012). O tempo de audição musical foi, entretanto, associado positivamente com a regulação emocional funcional entre os homens do grupo das “Subculturas não associadas ao risco”, o que, mais uma vez, leva a que se assuma a hipótese de que tal se deva à maior exposição às músicas convencionais e outros géneros que reforçam valores de uma cultura patriarcal e sexista onde o homem é valorizado e priorizado.

No que se refere à regulação emocional, esta atuou enquanto preditora de menor ideação suicida. Interessante foi que a regulação emocional funcional se associou negativamente com a regulação emocional disfuncional, com os comportamentos auto-lesivos e com a ideação suicida apenas nas mulheres, algo que também pode ser explicado por questões de género, como por exemplo, as expectativas do homem enquanto indivíduo resiliente, autónomo, direto e não expressivo ao nível dos seus sentimentos e problemáticas (Falconnet & Lefaucheur, 1977). Entretanto, tal hipótese deverá ser mais bem analisada em estudos posteriores. Quanto à regulação emocional disfuncional, esta foi um preditor significativo dos comportamentos auto-lesivos, bem como da ideação suicida entre os indivíduos que não se identificam com as

“Subculturas de risco”, algo de acordo com a literatura atual (Adler & Alder, 2007; Horne & Csipke 2009; Laye-Gindhu & Schonert-Reichl, 2005; Nock, 2010; Oliveira & Graça, 2014).

5.1 Limitações do estudo e considerações futuras

Algumas limitações impossibilitaram que este estudo tivesse a precisão para uma maior extrapolação dos seus resultados. Primeiramente, a nível metodológico, uma das limitações diz respeito à amostra, que é do tipo não probabilística e maioritariamente feminina, assim como de jovens com altos níveis de escolaridade, o que pode ter enviesado os resultados. Outra limitação refere-se à qualidade dos instrumentos utilizados. Existe uma grande dificuldade em categorizar diferentes géneros musicais e de utilizar um instrumento que seja fiável e ao mesmo tempo sensível aos diferentes e variados géneros musicais. Os níveis de consistência interna das escalas do STOMP-PT revelaram-se relativamente baixos e, por este instrumento agrupar géneros musicais muito distintos nas suas especificidades no mesmo fator, perdeu-se muito da contribuição de cada género musical isoladamente. Ainda referente ao STOMP-PT, dentro de cada género musical (por exemplo o Heavy Metal), há muitas variedades, tais o Heavy Metal Punk, Dark, Progressivo, Gótico, entre outros, os quais, se avaliados individualmente poderiam fornecer informação mais específica sobre a relação de diferentes géneros musicais e a presença de comportamentos auto-lesivos e ideação suicida. Outra limitação do estudo foi o seu carácter transversal, não permitindo encontrar relações de causa-efeito entre as variáveis ao longo do tempo.

Em estudos posteriores, seria interessante ter em conta as limitações do estudo presente, bem como ter em consideração a grande influência do sexo nas diferentes associações encontradas. Para além disso, seria relevante reproduzir um estudo longitudinal com as mesmas variáveis aqui presentes, mas que verificasse o papel mediador de diferentes estratégias de regulação emocional na associação entre as variáveis musicais, a identificação com as subculturas e a presença de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida. Desta forma, compreender-se-iam melhor os mecanismos envolvidos em tais associações e poderiam ser desenvolvidas novas compreensões acerca dos impactos da audição musical de certos géneros musicais e da identificação com as subculturas.

Conclusões

O presente estudo contribuiu para a literatura na temática da relação entre as preferências musicais, a identificação com subculturas alternativas e a presença de comportamentos auto-lesivos e ideação suicida.

Foram verificadas diferenças significativas entre os indivíduos pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco” e os pertencentes ao grupo das “Subculturas não associadas ao risco”. Foi verificada a maior prevalência de comportamentos auto-lesivos e de ideação suicida nos membros pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco”, assim como a maior vulnerabilidade do sexo feminino aos comportamentos auto-lesivos e à ideação suicida no mesmo grupo. O tempo de audição musical também foi significativamente maior entre os membros do grupo das “Subculturas de risco”, o que pode apontar para mecanismos de ruminação e exacerbação das emoções, mecanismos prejudiciais.

Foram também identificadas relações diferentes a depender dos géneros, como por exemplo, o resultado acerca da maior associação entre comportamentos auto-lesivos e ideação suicida nas mulheres, o que aponta para a necessidade de melhor compreender tal relação, bem como de melhor auxiliar as mulheres que se auto-lesionam. O sexo feminino também revelou predizer a ideação suicida para os indivíduos do grupo das “Subculturas não associadas ao risco”. Géneros musicais também apresentaram valor preditivo significativo para os comportamentos auto-lesivos, nomeadamente a preferência pelo género de música Energética e Rítmica entre os homens e a menor preferência por música Convencional enquanto preditora dos comportamentos auto-lesivos entre os membros do grupo das “Subculturas não associadas ao risco”. A música do tipo Intensa e Rebelde revelou-se associada aos comportamentos auto-lesivos apenas entre as mulheres não pertencentes ao grupo das “Subculturas de risco”, de modo que os convívios, elaborações e partilhas realizadas em torno deste género musical acabam por ser benéficos para os membros de subculturas alternativas. Quanto à preferência pelo género de música Reflexiva e Complexa, a associação à regulação emocional funcional foi transversal, a não ser para as mulheres membros das “Subculturas de risco”. Entretanto, o maior preditor tanto para os comportamentos auto-lesivos, como para a ideação suicida, transversalmente para os sexos e para os grupos, foi a regulação emocional disfuncional, apontando-se para a necessidade de um maior enfoque na promoção da regulação emocional funcional enquanto crucial para a redução dos comportamentos auto-lesivos e da ideação suicida.

De acordo com tais descobertas, deve ser dada maior atenção aos membros de “Subculturas de risco”, particularmente às mulheres; entretanto, independente desta

identificação com uma dada subcultura, sexo ou preferência musical, a regulação emocional funcional deve ser promovida, evitando-se a ruminação e a introspeção naqueles que já apresentam tais vulnerabilidades e favorecendo partilhas e a elaboração de sentimentos, trocas intersubjetivas e momentos catárticos para aqueles jovens que procuram, na música, o ritmo para as suas existências. Interessante, também, seria a maior conscientização dos jovens acerca das produções mediáticas e a prevenção da romantização ou apreciação da dramatização e intensificação emocionais, assim como de ideologias sexistas que perpetuem dinâmicas de violência e opressão, causando sofrimentos de naturezas distintas nos homens e nas mulheres. Por fim, aponta-se para a necessidade de contribuir com mais estudos para esta área e, particularmente, para os efeitos das expectativas de géneros nos comportamentos auto-lesivos e na ideação suicida, já que a maior internalização nas mulheres e a maior externalização nos homens apontam para dinâmicas de natureza de regulação emocional fundamentalmente distinta.

Referências Bibliográficas

- Adler, P. A., & Adler, P. (2007). The demedicalization of self-injury from psychopathology to sociological deviance. *Journal of Contemporary Ethnography*, 36(5), 537-570. <https://doi.org/10.1177/0891241607301968>
- Adler, P. A., & Adler, P. (2011). *The tender cut: Inside the hidden world of self-injury*. NYU Press.
- Altenmüller, E., & Schlaug, G. (2012). Music, brain, and health: exploring biological foundations of music's health effects. *Music, health, and wellbeing*, pp. 12-24.
- Arnett, J. (1991). Adolescents and heavy metal music: From the mouths of metalheads. *Youth & society*, 23(1), 76-98.
- Arnett J. (1992) The soundtrack of recklessness: musical preferences and reckless behavior among adolescents. *Journal of Adolescence Research*, 7(3), 313-331. <https://doi.org/10.1177/074355489273003>
- Arnett, J. (1993). Three profiles of heavy metal fans: A taste for sensation and a subculture of alienation. *Qualitative Sociology*, 16(4), 423-443. <https://doi.org/10.1007/BF00989973>
- Arnett, J. (1995). Adolescents' uses of media for self-socialization. *Journal of youth and adolescence*, 24(5), 519-533.
- Bailey, B. (2005). Emo Music and Youth Culture. In S. Steinberg, P. Parmar & B. Richard (Eds.), *Encyclopedia of Contemporary Youth Culture*. Westport, CT: Greenwood Press.
- Baker, F., & Bor, W. (2008). Can music preference indicate mental health status in young people?. *Australasian psychiatry*, 16(4), 284-288. <https://doi.org/10.1080/10398560701879589>.
- Baker, C., & Brown, B. (2016). Suicide, self-harm and survival strategies in contemporary heavy metal music: a cultural and literary analysis. *Journal of medical humanities*, 37(1), 1-17 <http://doi.org/10.1007/s10912-014-9274-8>
- Beauvoir, S. D. (1980). *O segundo sexo*, VI, II. Tradução Sérgio Milliet. Nova Fronteira.
- Beck, A. T., Rush, A. J., Shaw, B. F., & Emery, G. (1979). *Cognitive Therapy of Depression*. New York Guilford Press (p. 8).
- Becker, K., Mayer, M., Nagenborg, M., El-Faddagh, M., & Schmidt, M. H. (2004). Parasuicide online: Can suicide websites trigger suicidal behaviour in predisposed adolescents?. *Nordic journal of psychiatry*, 58(2), 111-114. <https://doi.org/10.1080/08039480410005602>

Bennett, A. (2004). Consolidating the music scenes perspective. *Poetics*, 32(3-4), 223-234.

Bergen, H., Hawton, K., Waters, K., Ness, J., Cooper, J., Steeg, S., & Kapur, N. (2012). How do methods of non-fatal self-harm relate to eventual suicide?. *Journal of affective disorders*, 136(3), 526-533. <https://doi.org/10.1016/j.jad.2011.10.036>

Boothby, D. M., & Robbins, S. J. (2011). The effects of music listening and art production on negative mood: A randomized, controlled trial. *The Arts in Psychotherapy*, 38(3), 204-208. <http://doi.org/10.1016/j.aip.2011.06.002>

Bowes, L., Carnegie, R., Pearson, R., Mars, B., Biddle, L., Maughan, B., ... & Heron, J. (2015). Risk of depression and self-harm in teenagers identifying with goth subculture: a longitudinal cohort study. *The Lancet Psychiatry*, 2(9), 793-800. [HTTPS://DOI.ORG/10.1016/S2215-0366\(15\)00164-9](https://doi.org/10.1016/S2215-0366(15)00164-9)

Brown, J. (2011). *Dangerous curves: action heroines, gender, fetishism, and popular culture*. University Press of Mississippi.

Burge, M., Goldblat, C., & Lester, D. (2002). Music preferences and suicidality: A comment on Stack. *Death studies*, 26(6), 501-504. <http://doi.org/10.1080/074811802760139021>

Butler, J. (2012) *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 4. ed. Civilização Brasileira.

Campbell, P. S., Connell, C., & Beegle, A. (2007). Adolescents' expressed meanings of music in and out of school. *Journal of Research in Music Education*, 55(3), 220-236. <http://doi.org/10.1177/002242940705500304>

Campbell-Sills, L., & Barlow, D. H. (2007). Incorporating emotion regulation into conceptualizations and treatments of anxiety and mood disorders. *Handbook of emotion regulation*, 2.

Carvalho, C. B., Nunes, C., Castilho, P., da Motta, C., Caldeira, S., & Pinto-Gouveia, J. (2015). Mapping non suicidal self-injury in adolescence: Development and confirmatory factor analysis of the Impulse, Self-harm and Suicide Ideation Questionnaire for Adolescents (ISSIQ-A). *Psychiatry research*, 227(2-3), 238-245. <http://doi.org/10.1016/j.psychres.2015.01.031>

Christensen, L. B., Johnson, B., Turner, L. A., & Christensen, L. B. (2011). *Research methods, design, and analysis*. 12 ed., Pearson.

Christenson, P. G., & Roberts, D. F. (1998). It's not only rock & roll: Popular music in the lives of adolescents. *Journal of Communication*, 49(4), 212-229. <http://doi.org/10.1111/j.1460-2466.1999.tb02829.x>

Cohen, J. (1992). A power primer. *Psychological Bulletin*, 112(1), 155-159. <http://doi.org/10.1037/0033-2909.112.1.155>

Crocetti, E., Klimstra, T. A., Hale III, W. W., Koot, H. M. & Meeus, W. (2013). Impact of Early Adolescent Externalizing Problem Behaviors on Identity Development in Middle to Late Adolescence: A Prospective 7-Year Longitudinal Study. *Journal of Youth Adolescence*, 42, 1745–1758. <http://doi.org/10.1007/s10964-013-9924-6>

Cruz, A. G. L. (s.d.). *Centro Universitário das Faculdades Metropolitanas Unidas–FMU Trabalho de Iniciação Científica Musicoterapia e a inter-relação entre música, emoção e sistema imunológico humano* (Doctoral dissertation, Universidade Municipal de São Caetano do Sul).

Definis-Gojanović, M., Gugić, D., & Sutlović, D. (2009). Suicide and Emo youth subculture—a case analysis. *Collegium antropologicum*, 33(2), 173-175.

De Nora, T. (1999). Music as a technology of the self. *Poetics*, 27(1), 31-56. [http://doi.org/10.1016/S0304-422X\(99\)00017-0](http://doi.org/10.1016/S0304-422X(99)00017-0)

Dittmar, H. (2004). Are you what you have? *The Psychologist*, 17(4), 206 – 210.

Doak, B. A. (2003). Relationships between adolescent psychiatric diagnoses, music preferences, and drug preferences. *Music Therapy Perspectives*, 21(2), 69-76. <http://doi.org/10.1093/mtp/21.2.69>

Dos Dantos, B. L. S. (2015). *A beleza contemporânea, o papel da mídia na veiculação de padrões e possíveis relações com o sofrimento mental da mulher*. (Tese de Mestrado)

Durham, M. (2009) *O efeito Lolita: a sexualização das adolescentes pela mídia e o que podemos fazer diante disso*. Larousse do Brasil.

Dutta, S., & Kanungo, R. N. (2013). *Affect and memory: A reformulation* (Vol. 20). Elsevier.

Ellemers, N., Spears, R., & Doosje, B. (2002). Self and social identity. *Annual review of psychology*, 53(1), 161-186.

Elliott, A. S., Canadian Paediatric Society, & Adolescent Health Committee. (2013). Meeting the health care needs of street-involved youth. *Paediatrics & child health*, 18(6), 317-321. <http://doi.org/10.1093/pch/18.6.317>

Erikson, E. H. (1976). *Identidade: juventude e crise*. (trad. A. Cabral).

Falconnet, G., & Lefaucheur, N. (1977). *A fabricação dos machos*. Trad. Clara Ramos. Zahar.

Felipe, L. A. (2012). Punk: criação destrutiva em corte. *Revista-Valise*, 2(4), 101-108.

Ferreira, M., de Matos, M. G., & Diniz, J. A. (2011). Preferências musicais e culturas juvenis e a sua relação com o consumo de substâncias na adolescência. *Adolescência e Saude*, 8(4), 13-26.

Fenderico, A. (2019). The subcultural struggle for recognition: Misrecognition of the Goth subculture. *South African Journal of Philosophy*, 38(2), 203-209. <http://doi.org/10.1080/02580136.2019.1632593>

Figueiredo, V. L. S. (2015). *A relação entre as preferências musicais e a personalidade, ajustamento emocional e estados de humor em estudantes universitários* (Master's thesis, Universidade Lusófona).

Gabrielsson, A. (1991). Experiencing music. *Canadian Journal of Research in Music Education*, 33, 21-6.

Garland, J., & Hodkinson, P. (2014). 'F** king Freak! What the Hell Do You Think You Look Like?' Experiences of Targeted Victimization Among Goths and Developing Notions of Hate Crime. *British journal of criminology*, 54(4), 613-631. <http://doi.org/10.1093/bjc/azu018>

Garnefski, N., Kraaij, V. & Etten, M. (2005). Specificity of relations between adolescents' cognitive emotion regulation strategies and Internalizing and Externalizing psychopathology. *Journal of Adolescence*, 28, 619-631. <http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2004.12.009>

Garrido, S. (2017). Listening Context: Group Rumination and Emotional Contagion. In *Why Are We Attracted to Sad Music?* (pp. 171-188). Palgrave Macmillan, Cham.

Garrido, S., & Schubert, E. (2015). Music and people with tendencies to depression. *Music Perception: An Interdisciplinary Journal*, 32(4), 313-321. <http://doi.org/10.1525/mp.2015.32.4.313>

Gould, M. S., Midle, J. B., Insel, B., & Kleinman, M. (2007). Suicide reporting content analysis: abstract development and reliability. *Crisis: The Journal of Crisis Intervention and Suicide Prevention*, 28(4), 165.

Greenwood, D. N., & Long, C. R. (2009). Mood specific media use and emotion regulation: Patterns and individual differences. *Personality and individual differences*, 46(5-6), 616-621. <http://doi.org/10.1016/j.paid.2009.01.002>

Guerra, P., & Quintela, P. (2016). Culturas urbanas e sociabilidades juvenis contemporâneas: um (breve) roteiro teórico. *Revista de Ciências Sociais, Fortaleza*, 47(1), 193-217.

Haenfler, R. (2006). *Straight edge: Clean-living youth, hardcore punk, and social change*. Rutgers University Press.

Hawkes, N. (2015). Young goths may be more vulnerable to depression and self harm, study finds. *BMJ*, 351, h4643. <http://doi.org/10.1136/bmj.h4643>

Hilt, L. M., & Hamm, E. H. (2014). Peer influences on non-suicidal self-injury and disordered eating. In *Non-suicidal self-injury in eating disorders* (pp. 255-272). Springer, Berlin, Heidelberg.

Hodkinson, P., & Deicke, W. (Eds.). (2007). *Youth cultures: scenes, subcultures and tribes*. Routledge.

Horne, O., & Csipke, E. (2009). From feeling too little and too much, to feeling more and less? A nonparadoxical theory of the functions of self-harm. *Qualitative health research, 19*(5), 655-667. <http://doi.org/10.1177/1049732309334249>

Hughes, M. A., Knowles, S. F., Dhingra, K., Nicholson, H. L., & Taylor, P. J. (2018). This corrosion: A systematic review of the association between alternative subcultures and the risk of self-harm and suicide. *British journal of clinical psychology, 57*(4), 491-513. <http://doi.org/10.1111/bjc.12179>

Jacobs, N. (2011). *Becoming a self-harmer: a discourse analysis* (Mater's thesis).

Jacob, N., Evans, R., & Scourfield, J. (2017). The influence of online images on self-harm: A qualitative study of young people aged 16–24. *Journal of adolescence, 60*, 140-147. <http://doi.org/10.1016/j.adolescence.2017.08.001>

Janišová, E. (2018). EMO Subculture in the Context of Deliberate Self-Harming. *Social Pathology and Prevention, 4*(1), 43-57.

Juslin, P. N., & Laukka, P. (2004). Expression, perception, and induction of musical emotions: A review and a questionnaire study of everyday listening. *Journal of new music research, 33*(3), 217-238. doi: 10.1080/0929821042000317813

Juslin, P. N., Liljeström, S., Västfjäll, D., Barradas, G., & Silva, A. (2008). An experience sampling study of emotional reactions to music: Listener, music, and situation. *Emotion, 8*(5), 668-683. <http://doi.org/10.1037/a0013505>

Juslin, P. N., Liljeström, S., Västfjäll, D., & Lundqvist, L.-O. (2010). *How does music evoke emotions? Exploring the underlying mechanisms*. In P. N. Juslin & J. A. Sloboda (Eds.), *Series in affective science. Handbook of music and emotion: Theory, research, applications* (p. 605–642). Oxford University Press.

Kiekens, G., Hasking, P., Boyes, M., Claes, L., Mortier, P., Auerbach, R. P., ... & Myin-Germeys, I. (2018). The associations between non-suicidal self-injury and first onset suicidal thoughts and behaviors. *Journal of affective disorders, 239*, 171-179. <http://doi.org/10.1016/j.jad.2018.06.033>

Labbé, E., Schmidt, N., Babin, J., & Pharr, M. (2007). Coping with stress: The effectiveness of different types of music. *Applied Psychophysiology and Biofeedback, 32*(3-4), 163–168. <http://doi.org/10.1007/s10484-007-9043-9>

Lacourse, E., Claes, M., & Villeneuve, M. (2001). Heavy metal music and adolescent suicidal risk. *Journal of youth and adolescence, 30*(3), 321-332. <http://doi.org/10.1023/A:1010492128537>

Laiho, S. (2004). The psychological functions of music in adolescence. *Nordic Journal of music therapy, 13*(1), 47-63. <http://doi.org/10.1080/08098130409478097>

Laye-Gindhu, A., & Schonert-Reichl, K. A. (2005). Nonsuicidal self-harm among community adolescents: Understanding the “whats” and “whys” of self-harm. *Journal of youth and Adolescence*, 34(5), 447-457. <http://doi.org/10.1007/s10964-005-7262-z>

Lozon, J., & Bensimon, M. (2014). Music misuse: a review of the personal and collective roles of “problem music”. *Aggression and Violent Behavior*, 19(3), 207-218. <http://doi.org/10.1016/j.avb.2014.04.003>

Luck, G. (2014). Music and Emotion: Empirical and Theoretical Perspectives. *Musicae Scientiae*, 18(3), 255.

Martin, G. (2006). On suicide and subcultures. *Editorial, Australian e-Journal for the Advancement of Mental Health*, 5(3) 166-170. <http://doi.org/10.5172/jamh.5.3.166>

Martin, G., Clarke, M., & Pearce, C. (1993). Adolescent suicide: Music preference as an indicator of vulnerability. *Journal of the American Academy of Child & Adolescent Psychiatry*, 32(3), 530-535. <http://doi.org/10.1097/00004583-199305000-00007>

Martínez-Ferrer, B., & Stattin, H. (2019). Self-harm, depressive mood, and belonging to a subculture in adolescence. *Journal of adolescence*, 76, 12-19.

Menon, V., & Levitin, D. J. (2005). The rewards of music listening: response and physiological connectivity of the mesolimbic system. *Neuroimage*, 28(1), 175-184. <http://doi.org/10.1016/j.neuroimage.2005.05.053>

Mikolajczak, G., & Deseilles, M. (2012). Risque suicidaire et préférences musicales: y a-t-il un lien? *Santé mentale au Québec*, 37(2), 129-150. <http://doi.org/10.7202/1014948ar>

Miranda, D., & Claes, M. (2007). Musical preferences and depression in adolescence. *International Journal of Adolescence and Youth*, 13(4), 285-309. <http://doi.org/10.1080/02673843.2007.9747981>

Miranda, D., & Claes, M. (2009). Music listening, coping, peer affiliation and depression in adolescence. *Psychology of music*, 37(2), 215-233. <http://doi.org/10.1177/0305735608097245>

Miranda, D., Gaudreau, P., Debrosse, R., Morizot, J., & Kirmayer, L. J. (2012). Music listening and mental health: Variations on internalizing psychopathology. *Music, health, and wellbeing*, 513-529.

Miranda, D. (2013). The role of music in adolescent development: much more than the same old song. *International Journal of Adolescence and Youth*, 18(1), 5-22. <http://doi.org/10.1080/02673843.2011.650182>

Mulder, J., Ter Bogt, T., Raaijmakers, Q., & Vollebergh, W. (2007). Music taste groups and problem behavior. *Journal of youth and adolescence*, 36(3), 313-324. <http://doi.org/10.1007/s10964-006-9090-1>

Neacsiu, A. D., Fang, C. M., Rodriguez, M., & Rosenthal, M. Z. (2018). Suicidal behavior and problems with emotion regulation. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 48(1), 52-74. <http://doi.org/10.1111/sltb.12335>

Newman, S. (2018). The Evolution of the Perceptions of the Goth Subculture. *Evolution*, 4, 26-2018.

Niederkrötenhaler, T., Till, B., Kapusta, N. D., Voracek, M., Dervic, K., & Sonneck, G. (2009). Copycat effects after media reports on suicide: A population-based ecologic study. *Social Science & Medicine*, 69(7), 1085–1090. <http://doi.org/10.1016/j.socscimed.2009.07.041>

Niederkrötenhaler, T., Voracek, M., Herberth, A., Till, B., Strauss, M., Etzersdorfer, E., ... Sonneck, G. (2010). Roles of media reports in completed and prevented suicide: Werther versus Papageno effects. *British Journal of Psychiatry*, 197(3), 234–243. <http://doi.org/10.1192/bjp.bp.109.074633>

Niederkrötenhaler, T., Reidenberg, D., Till, B., & Gould, M. (2014). Increasing help-seeking and referrals for individuals at risk for suicide by decreasing stigma: The role of mass media. *American Journal of Preventive Medicine*, 47, S235–S243. <http://doi.org/10.1016/j.amepre.2014.06.010>

Nock, M. K., & Prinstein, M. J. (2005). Contextual Features and Behavioral Functions of Self-Mutilation Among Adolescents. *Journal of Abnormal Psychology*, 114(1), 140–146. doi: 10.1037/0021-843X.114.1.140

Nock, M. K., Joiner Jr, T. E., Gordon, K. H., Lloyd-Richardson, E., & Prinstein, M. J. (2006). Non-suicidal self-injury among adolescents: Diagnostic correlates and relation to suicide attempts. *Psychiatry research*, 144(1), 65-72. <http://doi.org/10.1016/j.psychres.2006.05.010>

Nock, M. K., Borges, G., Bromet, E. J., Cha, C. B., Kessler, R. C., & Lee, S. (2008). Suicide and suicidal behavior. *Epidemiologic reviews*, 30(1), 133-154. <http://doi.org/10.1093/epirev/mxn002>

Nock, M. K. (Ed.). (2009). *Understanding nonsuicidal self-injury: Origins, assessment, and treatment*. American Psychological Association. <http://doi.org/10.1037/11875-000>

Nock, M. K. (2010). Self-injury. *Annual review of clinical psychology*, 6, 339-363. <http://doi.org/10.1146/annurev.clinpsy.121208.131258>

North, A. C., & Hargreaves, D. J. (2006). Problem music and self-harming. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 36(5), 582-590.

North, A. C., & Hargreaves, D. J. (2012). *Pop music subcultures and wellbeing*. In R. A. R. MacDonald, G. Kreutz, & L. Mitchell (Eds.), *Music, health, and wellbeing* (p. 502–512). Oxford University Press. <http://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199586974.003.0033>

North, A. C., Hargreaves, D. J., & O'Neill, S. A. (2000). The importance of music to adolescents. *British Journal of Educational Psychology*, 70(2), 255-272. <http://doi.org/10.1348/000709900158083>

O'Connor, R. C., Armitage, C. J., & Gray, L. (2006). The role of clinical and social cognitive variables in parasuicide. *British Journal of Clinical Psychology*, 45(4), 465-481. <http://doi.org/10.1348/014466505X82315>

O'Connor, R. C., & Portzky, G. (2015). The association between goth subculture identification, depression, and self-harm. *The Lancet Psychiatry*, 2(9), 766-767. [http://doi.org/10.1016/S2215-0366\(15\)00211-4](http://doi.org/10.1016/S2215-0366(15)00211-4)

Oliveira, A., & Graça, J. (2014). Do you really want to hurt yourself? Self-harm and suicidal ideation in adolescence. *SEM Douran & L. Bouttell, Reframing punishment: Silencing, dehumanisation and the way forward*, 37-62.

Orozco, M. (2015). *Music preference and its effects on emotion processes and identity development in young adult females: An examination of the "emo" subculture*. (Doctorate Dissertation, Pepperdine University).

Overy, K., & Molnar-Szakacs, I. (2009). Being together in time: Musical experience and the mirror neuron system. *Music Perception*, 26(5), 489-504. <http://doi.org/10.1525/mp.2009.26.5.489>

Pandey, R., & Choubey, A. K. (2010). Emotion and Health: An overview. *SIS Journal of Projective Psychology & Mental Health*, 17(2).

Pardal, A. C. R. (2012). *Regulação das emoções, padrões adaptativos de aprendizagem & satisfação com a vida: Estudo de Tradução e Validação do Regulation of Emotion Questionnaire 2 para a população portuguesa* (Master's thesis, Universidade de Coimbra).

Pavis, S., & Cunningham-Burley, S. (1999). Male youth street culture: understanding the context of health-related behaviours. *Health education research*, 14(5), 583-596. <http://doi.org/10.1093/her/14.5.583>

Pereira, S. M. D. S., & Pocinho, M. O. (2015). *Musicalidades Quotidianas da Personalidade: estudo sobre o impacto da música na personalidade, comportamentos, emoções e quotidiano de jovens e adultos de língua portuguesa* (Master's thesis, ISMT).

Piaget, J., Inhelder, B., & Leite, D. M. (1976). *Da lógica da criança à lógica do adolescente: ensaio sobre a construção das estruturas operatórias formais*. Pioneira.

Pimentel, C. E., Gouveia, V. V., Santana, N. L. D., Chaves, W. A., & Rodrigues, C. A. (2009). Preferência musical e risco de suicídio entre jovens. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 58(1), 26-33. <http://doi.org/10.1590/S0047-20852009000100004>

Pinker, S. (2009). *The sexual paradox: Men, women and the real gender gap*. Simon and Schuster.

Rea, C., MacDonald, P., & Carnes, G. (2012). Listening to classical, pop, and metal music: an investigation of mood. *Emporia State Research Studies*, 46(1), 1 – 3.

Rentfrow, P. J., & Gosling, S. D. (2003). The do re mi's of everyday life: the structure and personality correlates of music preferences. *Journal of personality and social psychology*, 84(6), 1236. <http://doi.org/10.1037/0022-3514.84.6.1236>

Reynolds, W. M. (1988). *SIQ, Suicidal ideation questionnaire: Professional manual*. Psychological Assessment Resources.

Roberts, K. R., Dimsdale, J., East, P., & Friedman, L. (1998). Adolescent emotional response to music and its relationship to risk-taking behaviors. *Journal of adolescent health, 23*(1), 49-54. [http://doi.org/10.1016/S1054-139X\(97\)00267-X](http://doi.org/10.1016/S1054-139X(97)00267-X)

Rosenbaum, J. L., & Prinsky, L. (1991). The presumption of influence: Recent responses to popular music subcultures. *Crime & Delinquency, 37*(4), 528-535. <http://doi.org/10.1177/0011128791037004007>

Ross, S. & Heath, N. L. (2003). Two models of adolescent self-mutilation. *The American Association of Suicidology, 33* (3), 277-287

Rubin, D. & Kozin, M. (1984). Vivid memories. *Cognition, 16*, 81-95. [http://doi.org/10.1016/0010-0277\(84\)90037-4](http://doi.org/10.1016/0010-0277(84)90037-4)

Rutledge, C. M., Rimer, D., & Scott, M. (2008). Vulnerable goth teens: The role of schools in this psychosocial high-risk culture. *Journal of School Health, 78*(9), 459-464. <http://doi.org/10.1111/j.1746-1561.2008.00331.x>

Saarikallio, S., & Erkkilä, J. (2007). The role of music in adolescents' mood regulation. *Psychology of Music, 35*(1), 88-109. <http://doi.org/10.1177/0305735607068889>

Santos, T. M. D. A. D. (2018). *A representação da depressão e do suicídio em 13 Reasons Why*. (Tese de Mestrado).

Scheel, K. R., & Westfield, J. S. (1999). Heavy metal music and adolescent suicidality: An empirical investigation. *Adolescence, 34*(134), 253-274.

Schwartz, K. D., & Fouts, G. T. (2003). Music preferences, personality style, and developmental issues of adolescents. *Journal of youth and adolescence, 32*(3), 205-213. <http://doi.org/10.1023/A:1022547520656>

Scott, J. W. (2005). O enigma da igualdade. *Revista estudos feministas, 13*(1), 11-30. <http://doi.org/10.1590/S0104-026X2005000100002>

Shrestha, A. (2018) The Romanticization of Mental Illness on Tumblr. *Echo: 69*.

Sloboda, J. A., & O'Neill, S. A. (2001). Emotions in everyday listening to music. *Music and emotion: Theory and research, 415-429*.

Soccio, L., Mitchell, J., & Herzog, A. (1999). *Interrogating Subcultures*.

St. Lawrence, J. S., & Joyner, D. J. (1991). The effects of sexually violent rock music on male's acceptance of violence against women. *Psychology of Women Quarterly, 15*(1), 49-63. <http://doi.org/10.1111/j.1471-6402.1991.tb00477.x>

Stack S, Gundlach J. (1992). The effect of country music on suicide. *Social Forces, 71*(1): 211-8. <http://doi.org/10.1093/sf/71.1.211>

Stack, S., Gundlach, J., & Reeves, J. L. (1994). The heavy metal subculture and suicide. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 24(1), 15-23. <http://doi.org/10.1111/j.1943-278X.1994.tb00659.x>

Stack S. (2002). Blues fans and suicide acceptability. *Death Studies*, 24(3):223-31. <http://doi.org/10.1080/074811800200559>

Stack S. (2002). Opera subculture and suicide for honor. *Death Studies*, 26(5): 431-37. <http://doi.org/10.1080/07481180290086763>

Stack, S., Lester, D., & Rosenberg, J. (2012). Music and suicidality: A quantitative review and extension. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 42(6), 654–671. <http://doi.org/10.1111/j.1943-278X.2012.00120.x>

Sweet, D. R. (2005). More than Goth: The rhetorical reclamation of the subcultural self. *Popular Communication*, 3(4), 239-264. http://doi.org/10.1207/s15405710pc0304_2

Tekman, H.G., & Hortaçsu, N. (2002). Music and social identity: stylistic identification as a response to musical style. *International Journal of Psychology*, 37 (5), 227–285. <http://doi.org/10.1080/00207590244000043>

Till, B., Fraissler, M., Voracek, M., Tran, U. S., & Niederkrotenthaler, T. (2019). Associations between suicide risk factors and favorite songs. *Crisis*, 40, pp. 7-14. <http://doi.org/10.1027/0227-5910/a000523>.

Trainor, L. J., & Schmidt, L. A. (2003). *Processing emotions induced by music*. In I. Peretz & R. Zatorre (Eds.), *The cognitive neuroscience of music* (p. 311–324). Oxford University Press. <http://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780198525202.003.0020>

Trnka, R., Kuška, M., Balcar, K., & Tavel, P. (2018). Understanding death, suicide and self-injury among adherents of the emo youth subculture: A qualitative study. *Death studies*, 42(6), 337-345. <http://doi.org/10.1080/07481187.2017.1340066>

Tull, M. T., Stipelman, B. A., Salters-Pedneault, K., & Gratz, K. L. (2009). An examination of recent non-clinical panic attacks, panic disorder, anxiety sensitivity, and emotion regulation difficulties in the prediction of generalized anxiety disorder in an analogue sample. *Journal of anxiety disorders*, 23(2), 275-282. <http://doi.org/10.1016/j.janxdis.2008.08.002>

Vuolo, M., Uggen, C., & Lageson, S. (2014). Taste clusters of music and drugs: evidence from three analytic levels. *The British journal of sociology*, 65(3), 529-554. <http://doi.org/10.1111/1468-4446.12045>

Wells, A., & Hakanen, E. A. (1991). The emotional use of popular music by adolescents. *Journalism quarterly*, 68(3), 445-454. <http://doi.org/10.1177/107769909106800315>

World Health Organization (2016) Suicide data. http://www.who.int/mental_health/prevention/suicide/suicideprevent/en/

Yinger, J. M. (1960). Contraculture and subculture. *American sociological review*, 625-635. <http://doi.org/10.2307/2090136>

Young, R., Sweeting, H., & West, P. (2006). Prevalence of deliberate self harm and attempted suicide within contemporary Goth youth subculture: longitudinal cohort study. *Bmj*, 332(7549), 1058-1061. <http://doi.org/10.1136/bmj.38790.495544.7C>

Young, R., Sproeber, N., Groschwitz, R. C., Preiss, M., & Plener, P. L. (2014). Why alternative teenagers self-harm: exploring the link between non-suicidal self-injury, attempted suicide and adolescent identity. *BMC psychiatry*, 14(1), 137.

Zdanow, C., & Wright, B. (2012). The representation of self injury and suicide on emo social networking groups. *African Sociological Review/Revue Africaine de Sociologie*, 16(2), 81-101.

Zillmann, D., & Gan, S.-I. (1997). *Musical taste in adolescence*. In D. J. Hargreaves & A. C. North (Eds.), *The social psychology of music* (p. 161–187). Oxford University Press.

ANEXO A

Autorização para a Utilização dos Instrumentos

Solicitação de autorização para a utilização do instrumento REQ 2

Ana Senise <aninhasenise@gmail.com>

16 de nov. de 2019

15:14

para anapardal05

Cara investigadora Ana Pardal,

Chamo-me Ana Lúcia Senise e sou uma aluna de mestrado da Universidade Católica Portuguesa, agora a realizar a tese de mestrado com o objetivo de identificar relações entre variáveis da música e a presença de comportamentos autodestrutivos e ideação suicida em jovens, isto é, entre a relação com a música e um output funcional ou disfuncional, entretanto, moderado por características individuais do ouvinte de música tais como a regulação emocional e a identificação, ou não, com determinada subcultura. O nome da tese é: *“Relações entre variáveis da música e comportamentos autodestrutivos e ideação suicida, em jovens dos 18 aos 35 anos”*.

Dada a variável de regulação emocional, gostaria muito de utilizar o REQ2(Regulation of Emotion Questionnaire 2), um instrumento cujos fatores estão em concordância com os objetivos para meu estudo ao dividirem-se entre estratégias de regulação emocional funcionais e disfuncionais. A sua tradução para a população portuguesa do instrumento aqui referido, obtendo coeficientes de consistência interna elevados me é de grande interesse de modo que gostaria de obter a sua autorização para a utilização do instrumento em sua forma traduzida para a minha investigação.

Aguardo uma resposta,

Meus melhores cumprimentos,

Ana Lúcia Martins Senise



Ana Pardal

20 de nov. de 2019

17:56

para eu

Exma Colega Ana,

Na sequência do email enviado sobre o assunto em epígrafe, venho por este meio autorizar a utilização do REQ2.

Sem outro assunto, com os melhores cumprimentos

Solicitação de autorização para a utilização do instrumento QIAIS



Carolina Dall'Antonia da Motta <carolina.d.motta@gmail.com>

12:08

para eu, Célia

Bom dia, Ana Lúcia Senise,

A pedido da Professora Célia Carvalho, que me encaminhou o seu pedido, informo que temos todo o gosto em autorizar o uso do QIAIS (PDF e artigo de validação em anexo), pelo que nos encontramos ao seu dispor se necessitar de mais informação acerca do mesmo. Relativamente à subescala de ideação suicida, caso seja variável importante para o seu estudo, poderá ser adequado complementar o QIAIS, visto este apenas dispor de 3 itens para avaliação deste construto.

A nossa equipa tem desenvolvido diversas colaborações com investigadores que fazem uso dos nossos instrumentos dentro e fora do país, sendo que gostaríamos de aproveitar esta oportunidade para averiguar o seu interesse em eventualmente partilhar alguns dos dados recolhidos com o instrumento numa colaboração futura, caso seja também do seu interesse.

Com os melhores cumprimentos,

Carolina

Ana Senise

16:30

para Carolina

Cara Carolina Motta,

Muito obrigada por sua atenção e disponibilidade. Acredito que futuramente, após realizado o estudo será possível partilhar os dados obtidos com a escala, entretanto, apenas gostaria de confirmar com minha orientadora.

Obrigada, meus melhores cumprimentos,

Ana Lúcia Senise

Solicitação de autorização para utilização do instrumento STOMP-PT

Ana Senise <aninhasenise@gmail.com>

sex., 29 de nov.
de 2019 12:13

para margarida_pocinho

Cara Doutora Margarida Pocinho,

Chamo-me Ana Lúcia Senise e sou uma aluna de mestrado da Universidade Católica Portuguesa, agora a realizar a tese de mestrado com o objetivo de identificar relações entre variáveis da música e a presença de comportamentos autodestrutivos e ideação suicida em jovens, isto é, entre a relação com a música e um output funcional ou disfuncional, entretanto, moderado por características individuais do ouvinte de música tais como a regulação emocional e a identificação, ou não, com determinada subcultura. O nome da tese é: “Relações entre variáveis da música e comportamentos autodestrutivos e ideação suicida, em jovens dos 18 aos 35 anos”. Entre as variáveis relacionadas com a música inclui-se a preferência musical e visto que a avaliação da mesma é algo complexo, entretanto já validado por meio do instrumento STOMP (Rentfrow, p. J., & Gosling, S. D., 2003), é de meu grande interesse utilizar a versão adaptada para a população portuguesa, STOMP-PT que fora por você e outra investigadora realizada (versão portuguesa de Pereira, S. M. D. S., & Pocinho, M. O., 2015). Gostaria de solicitar a vossa autorização para a utilização do referente questionário.

Meus melhores cumprimentos,

Ana Lúcia Senise



Margarida Pocinho <margarida_pocinho@estescoimbra.pt>

seg., 2 de dez. de
2019 16:11

para eu

Olá Ana

Para a utilização do STOMP, pedimos autorização aos autores brasileiros e apenas para o utilizar no âmbito da tese da Sónia, fizemos o processo de validação mas restrito ao trabalho, por isso não posso autorizá-la. Veja <http://www.scielo.br/pdf/jbpsiq/v58n1/a04v58n1>

Aconselho-a a pedir autorização diretamente aos autores da escala e assim posso ajudá-la no processo.

Cumprimentos

Margarida Pocinho

Margarida Pocinho

Professora Adjunta na ESTeESC – IPC

Professora Auxiliar no ISMT

Doutorada em Saúde Mental

Especialista em Análise de Dados (SPSS/AMOS/IRAMUTEQ)

Psicóloga - Membro efetivo da Ordem dos Psicólogos Portugueses CP22864

Membro da APCD

Ana Senise <aninhasenise@gmail.com>

ter., 3 de dez.
de 2019 1:31

para margarida_pocinho

Cara Dra. Margarida Pocinho,

Muito obrigada por sua atenção e disponibilidade em me responder e também auxiliar.

Irei proceder como pedido de autorização para os autores brasileiros para posterior contacto consigo.

Gratidão,

Meus melhores cumprimentos,

Ana Lúcia Martins Senise

Ana Senise <aninhasenise@gmail.com>

ter., 3 de dez. de
2019 15:19

para Margarida

Cara Margarida Pocinho,

Contactei os autores brasileiros para realizar a utilização do instrumento STOMP, o que me foi autorizado. Entretanto o instrumento não se adequa à população portuguesa.

Como a doutora acredita que eu melhor poderia proceder?

Ana Senise <aninhasenise@gmail.com>

ter., 3 de dez. de
2019 01:40

para carlosepimentel, carlospimentel

Caro Doutor Carlos Pimentel,

Chamo-me Ana Lúcia Senise e sou uma aluna de mestrado da Universidade Católica Portuguesa, agora a realizar a tese de mestrado com o objetivo de identificar relações entre variáveis da música e a presença de comportamentos autodestrutivos e ideação suicida em jovens, isto é, entre a relação com a música e um output funcional ou disfuncional, entretanto,

moderado por características individuais do ouvinte de música tais como a regulação emocional e a identificação, ou não, com determinada subcultura. O nome da tese é: “Relações entre variáveis da música e comportamentos autodestrutivos e ideação suicida, em jovens dos 18 aos 35 anos”.

Entre as variáveis relacionadas com a música inclui-se a preferência musical e visto que a avaliação da mesma é algo complexo, entretanto já validado por meio do instrumento STOMP (Rentfrow, p. J., & Gosling, S. D., 2003), é de meu grande interesse utilizar a versão adaptada para o português do STOMP-PT adaptado por si e outros investigadores no âmbito do estudo "Preferência musical e risco de suicídio entre jovens"

Gostaria de solicitar a vossa autorização para a utilização do referente instrumento.

Meus melhores cumprimentos,

Ana Lúcia Senise

RE: Autorização para utilização de instrumento

Caixa de entrada x



carlosepimentel@bol.com.br <carlosepimentel@bol.com.br>

ter., 3 de dez. de
2019 14:12

para eu

Segue anexo o artigo da STOMP validada em português.

Pode utilizar em sua pesquisa, boa sorte!

Carlos Eduardo Pimentel

Doutorado em Psicologia Social,

do Trabalho e das Organizações

Universidade Federal da Paraíba

A Dra Margarido Pocinho não retornou a me responder, entretanto, o instrumento STOMP-PT esta acessível publicamente por esta via:

<http://repositorio.ismt.pt/handle/123456789/633> ,ao que precedi com a sua utilização.

Anexo B

Protocolo com o Consentimento Livre e Informado e a Bateria de Instrumentos



CATÓLICA
FACULDADE DE
CIÊNCIAS HUMANAS

LISBOA

PROTOCOLO DE INVESTIGAÇÃO

Código | _ | _ | _ | _ |

2019

Consentimento Informado

“Relações entre a música, comportamentos autodestrutivos e ideação suicida, em jovens dos 18 aos 35 anos”

A investigação para a qual solicitamos a sua colaboração tem o nome de “Relações entre Variáveis da Música e Comportamentos Autodestrutivos e Ideação Suicida, em Jovens dos 18 aos 35 anos”, desenvolvido enquanto tese no âmbito do Mestrado de Psicologia do Bem-Estar e Promoção da Saúde da Universidade Católica Portuguesa pela mestranda Ana Lúcia Martins Senise e orientadora doutora Marta Pedro.

A investigação tem como objetivo estudar a relação entre certas variáveis relacionadas com a música (tanto no que se refere aos géneros preferidos, o tempo de escuta média semanal de música, como a possível identificação com alguma subcultura musical) e a presença de comportamentos autodestrutivos e de ideação suicida em jovens adultos portugueses com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos. A participação implica preencher um questionário com duração de aproximadamente 10 minutos. Serão apresentados a seguir não apenas questões relativas a informações sociodemográficas, preferências musicais e o tempo de audição musical, como também um questionário referente a regulação emocional individual e um questionário referente a comportamentos autodestrutivos e ideação suicida para avaliar a relação aqui proposta. Visa-se enfim contribuir para os conhecimentos em psicologia acerca dos efeitos e processos envolvidos na relação com a música para com a funcionalidade e/ou dificuldades psicológicas no desenvolvimento pessoal. A participação neste estudo é de carácter voluntário, não oferecendo nem riscos nem benefícios para o participante para além de contribuir para com o conhecimento na área de psicologia. Todas as informações providenciadas são de carácter confidencial, de modo a garantir o anonimato, uma vez que os resultados não serão analisados individualmente, mas em termos gerais, juntamente com as respostas dos outros participantes. Não haverá quaisquer consequências para quem se recusar participar. Ao final poderão ser contactados para serem comunicados dos resultados do estudo, caso o desejarem.

Se, ao preencher o questionário, reconhecer-se em posição de vulnerabilidade psicológica e a necessitar de ajuda e acompanhamento profissional, não hesite em contactar serviços que lhe possam auxiliar.

Tomei conhecimento do objetivo do estudo e do que tenho de realizar para participar.

Fui informado(a) que tenho direito a recusar em participar sem oferecer consequências para a minha pessoa.

Assim declaro que aceito participar da investigação:

Sim

Não

Segue abaixo o nome do autor e orientador, assim como email para eventuais esclarecimentos.

Marta Pedro, Orientadora da Tese de Dissertação de Mestrado

Investigadora/Professora Auxiliar Convidada (FCH-UCP)

Contacto: mmpedro@fch.lisboa.ucp.pt

Ana Lúcia Martins Senise, Mestranda em Psicologia a realizar a investigação (FCH-UCP)

Contacto: analuciamarsenise@gmail.com

QUESTIONÁRIO GERAL SOCIODEMOGRÁFICO

Por favor preencher atentamente a todas as questões do questionário abaixo e de modo sincero em nome de contribuir aos estudos realizados. Deixar questões em branco inutiliza todo o questionário e impossibilita que as suas respostas sejam incluídas na investigação. Caso não tiver a certeza acerca de um valor ou resposta, por favor, responda com dados aproximados.

1. Sexo	2. Idade	3. Nacionalidade	4. Zona de Residência
<input type="checkbox"/> Feminino	_____ anos	<input type="checkbox"/> Português/a	_____
<input type="checkbox"/> Masculino		<input type="checkbox"/> Outra	
<input type="checkbox"/> Outro			

5. Nível de escolaridade	6. Profissão	
<input type="checkbox"/> Até 4º ano	A) Estatuto ocupacional	B) Situação laboral actual
<input type="checkbox"/> 5º a 6º ano	<input type="checkbox"/> Trabalho a tempo inteiro	<input type="checkbox"/> Desemprego

- 7º a 9º ano Trabalho a tempo parcial Reformado
 10º a 12º ano Estudante Trabalhador independente
 Licenciatura Trabalhador por conta de outrem
 Mestrado Estudante
 Doutoramento Por favor, indique a sua profissão _____

7. Estado Civil

- Casado/União de Facto Solteiro/a
 Divorciado/Separado Viúvo/a

8. Tem acompanhamento psicológico ou psiquiátrico?

- Nunca teve Teve no passado Tem actualmente

9. Tempo de Audição Musical

Quantas horas de música ouve por semana, aproximadamente? _____

10. Identificação com Subcultura

Segue breve questionário para avaliar a identificação com alguma subcultura. Por favor responda às seguintes questões de acordo com a escala que se segue, tendo em consideração que há exemplos gerais para ajudar, respeitando as diversas subcategorizações:

Não identifico/ei-me	Identifico/ei-me Muito Pouco	Identifico/ei-me um Pouco	Identifico/ei-me Moderadamente	Identifico/ei-me Muito	Identifico/ei-me Totalmente
1	2	3	4	5	6

1. Punk	1	2	3	4	5	6
2. Emo	1	2	3	4	5	6
3. Gótico	1	2	3	4	5	6
4. Metaleiro	1	2	3	4	5	6

5. <i>Ravers</i> /Festivaleiro	1	2	3	4	5	6
6. Hippies	1	2	3	4	5	6
7. Hipsters	1	2	3	4	5	6
8. Cosplay	1	2	3	4	5	6
9. Nerds	1	2	3	4	5	6
10. Outro: _____	1	2	3	4	5	6

STOMP-PT (Rentfrow, p. J., & Gosling, S. D., 2003; versão portuguesa de Pereira, S. M. D. S., & Pocinho, M. O., 2015)

Instruções:

Classifique os seguintes géneros e subgéneros musicais consoante o seu nível de preferência.

Escala Classificativa:

- 1- Desagrada-me bastante
- 2- Desagrada-me moderadamente
- 3- Desagrada-me um pouco
- 4- Não me agrada, nem desagrada
- 5- Agrada-me um pouco
- 6- Agrada-me moderadamente
- 7- Agrada-me bastante

Atenção! São referidos alguns exemplos de artistas e/ou subgéneros apenas para ajudar.

1. **Clássica//Erudita** (Ex.: Ópera, orquestras sinfónicas, grupos de coral, Bach, Mozart, Chopin, Beethoven, Rachmaninoff, Verdi, Vivaldi, Tchaikovsky...)

1 2 3 4 5 6 7

Desagrada-me bastante	Agrada-me bastante
-----------------------	--------------------

3. Eletrônica (Ex.: Drum & Bass, House, Techno, Trance, Dubstep, Trip-Hop, Breakbeat, IDM, Chemical Surf, Kruder & Dorfmeister, Chemical Surf, Shivaneris, Charlotte de Witte...)

1 2 3 4 5 6 7

Desagrada-me bastante

Agrada-me bastante

5. R & B (Ex.: Beyoncé, John Legend, Marvin Gaye, James Brown, Tina Turner, Sade, Diana Ross, Whitney Houston, Janet Jackson, Janelle Monáe...)

1 2 3 4 5 6 7

Desagrada-me bastante

Agrada-me bastante

9. Rap (Ex.: Gill Scott-Heron, Busta Rhynes, Cypress Hill, Snoop Dog, Dr. Dre,, 2Pac, Eminem, Criolo, Capicua...)

1 2 3 4 5 6 7

Desagrada-me bastante

Agrada-me bastante

12. Bandas Sonoras Originais (Ex.: de Séries televisivas, filmes, documentários...)

1 2 3 4 5 6 7

Desagrada-me bastante

Agrada-me bastante

14. Religiosa (Ex.: Gospel, Canto gregoriano, Música Sacra, Salmos, Coros, Mantras...)

1 2 3 4 5 6 7

Desagrada-me bastante

Agrada-me bastante

16. Rock (Ex.: Grunge, Punk, Emo, Industrial, Rock n' Roll, Post-Rock, Post-Punk, Rock Psicodélico, Dead Combo, Linda Martini, Capitão Fausto, The Legendary, Tuger Man, Killimanjaro, Black Bombain, Ramones, Nirvana, Green Day, Led Zeppelin, Janis Joplin, The Doors, The Cure, Rolling Stones, Guns n' Roses, Beatles, Pink Floyd, AC/DC, The Kills...)

1 2 3 4 5 6 7

Desagrada-me bastante

Agrada-me bastante

18. Heavy Metal (Ex.: Black Sabbath, Kiss, Moonspell, Marilyn Manos, System Of A Down, Korn, Metallica, Sepultura, Slayer, Iron Maiden...)

1 2 3 4 5 6 7

Desagrada-me bastante

Agrada-me bastante

Nota. O instrumento não foi apresentado em sua totalidade com fins de preservar os direitos dos autores

REQ2

K. F. V. Phillips & M. J. Power, 2007; versão portuguesa de Ana Pardal & Teresa S. Machado, 2012)

Todos nós experienciamos diferentes tipos de sentimentos ou emoções. Por exemplo, diferentes eventos nas nossas vidas fazem-nos sentir felizes, tristes, zangados, etc...

As questões que se seguem pedem-lhe que reflecta sobre com que frequência faz certas coisas em resposta às suas emoções. Não é necessário reflectir sobre emoções em particular, apenas com que frequência geralmente faz as coisas abaixo enumeradas. Por favor, assinale a opção que corresponde à resposta que mais se adequa. Todos nós reagimos às nossas emoções de diferentes modos, por isso, não há respostas certas ou erradas.

Geralmente como reage às suas emoções?	Nunca	Raramente	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre
1. Falo com alguém sobre a forma como me sinto	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
3. Procuo contacto físico com amigos e familiares (ex. abraços, segurar as mãos)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
7. Repiso os meus pensamentos e sentimentos (ex. estou sempre a pensar nas mesmas coisas e não consigo parar)	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
8. Procuo outros para me aconselhar	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
12. Concentro-me numa actividade agradável	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>	<input type="radio"/>
Geralmente como reage às suas emoções?	Nunca	Raramente	Frequentemente	Muito Frequentemente	Sempre

14. Penso em pessoas melhores do que eu e faço sentir-me pior	<input type="radio"/>				
16. Planeio o que poderei fazer melhor na próxima vez	<input type="radio"/>				
17. Agrido outras pessoas (ex. digo-lhes coisas desagradáveis, magoando-os)	<input type="radio"/>				
20. Telefono a amigos ou familiares	<input type="radio"/>				

Nota. O instrumento não foi apresentado em sua totalidade com fins de preservar os direitos dos autores

QIAIS-A

(Castilho, P., Barreto Carvalho, C., Nunes, C. & Pinto-Gouveia, J., 2012)

Subescalas de Auto-Dano e Ideação Suicida

B. Auto-dano

Este questionário destina-se a avaliar comportamentos impulsivos, de auto-dano e pensamentos suicidas.

De seguida vais encontrar algumas afirmações que mostram como os adolescentes por vezes se sentem. Por favor, lê cada frase com atenção e marca a resposta que melhor se adapta a ti. Não existem respostas certas ou erradas.

Nunca Acontece Comigo	Acontece-me algumas vezes	Acontece-me muitas vezes	Acontece-me Sempre
0	1	2	3

D. Ideação Suicida

1. Magoo-me ou agrido-me voluntariamente, isto é, de propósito.				
3. Arranho ou belisco certas partes do corpo de propósito.				
5. Corto certas partes do meu corpo de propósito. (com lâminas, tesouras, facas, xacto, etc.).				
9. Abuso excessivamente de álcool				
10. Abuso excessivamente de drogas leves.				
14. Tenho um comportamento sexual promíscuo (vários parceiros, relações sexuais sem protecção, etc.).				

Nunca Acontece Comigo	Acontece-me algumas vezes	Acontece-me muitas vezes	Acontece-me sempre
0	1	2	3

	0	1	2	3
1. Já houve alturas em que pensei que me queria matar				
3. Há alturas em que gostava de desaparecer.				

O questionário terminou e as suas respostas foram registadas. Muito Obrigada por vossa colaboração e participação!

Nota. O instrumento não foi apresentado em sua totalidade com fins de preservar os direitos dos autores